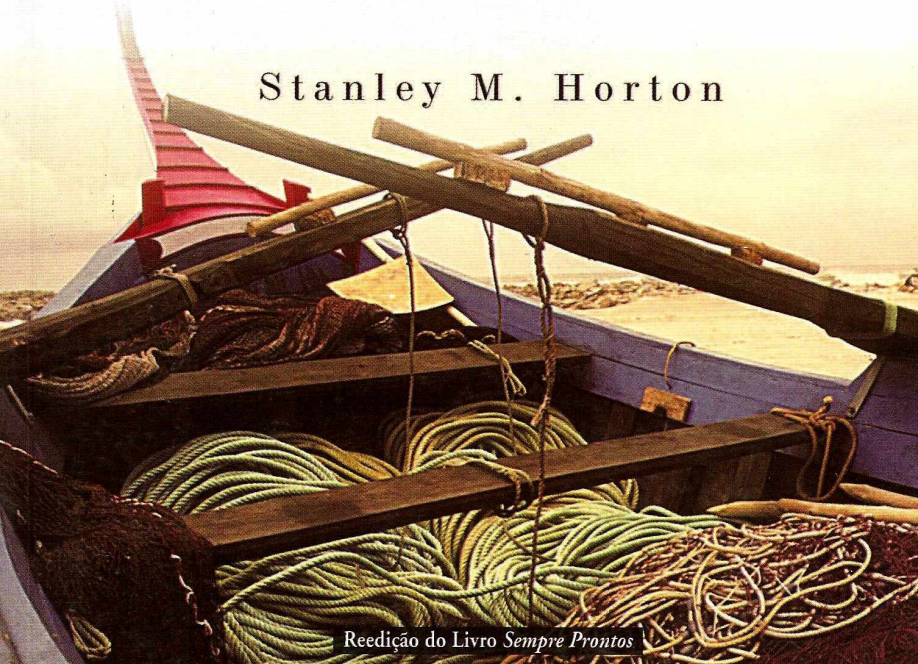
CPAD

SÉRIE
Comentário Bíblico

1 e 2 Pedro

A razão da nossa esperança

Stanley M. Horton



Reedição do Livro *Sempre Prontos*

Edição





Digitalização

Digit@l Books

1 e 2 Pedro

SÉRIE
Comentário Bíblico

1 e 2 Pedro

A razão da nossa esperança

Stanley M. Horton

Reedição do Livro *Sempre Prontos*

CPAD







Todos os direitos reservados. Copyright © 1995 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: *Ready Always*
Gospel Publishing House, Springfield, Missouri, EUA
Primeira edição em inglês: 1974
Tradução: Welton Lima

Capa: Flamir Ambrósio

CDD: 227.92 Epístolas de Pedro
ISBN: 85-326-0334-1

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

SAC – Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800.701-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

9ª Impressão/2012 - Tiragem: 500

Sumário

Introdução 9
1. Nossa Posição Privilegiada 11
2. Arautos das Virtudes Divinas 21
3. Harmonia pela Submissão 33
4. Alegria na Dor 47
5. Alegria em Servir 69
6. Crescendo na Graça 79
7. Advertências contra Falsos Mestres 91
8. Grande Estímulo 99

Introdução

Freqüentemente ressurge nova onda de especulação quanto ao momento da volta de Cristo. Parece que a admoestação de Nosso Senhor aos discípulos, de que os tempos e as épocas são da exclusiva autoridade do Pai, é facilmente esquecida (At 1.7). Noutras palavras, o fato não é de nossa conta. Nossa responsabilidade é levar o Evangelho até os confins da terra (At 1.8).

Reconhecemos, obviamente, que muitos sinais apontam à aproximação da volta do Senhor. Todavia, em vista da excitante especulação com respeito a este evento, ou sobre quem é o Anticristo, as palavras de Jesus fazem-se novamente necessárias. Ele falou repetidamente da iminência de sua volta e da necessidade de vigiarmos, de estarmos em guarda e preparados, pois não sabemos o dia, ou a hora, em que Ele virá (Mt 24.42-44; 25.13).

Para ilustrar este fato, Jesus ponderou: "Se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada sua casa" (Mt 24.43). Ou seja: ladrões não avisam a hora de sua incursão. A única maneira de se evitar tais surpresas é estar sempre de guarda.

Essa advertência harmoniza-se com 1 Pedro 3.15: "...estai sempre prontos para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir razão da esperança que há em vós". A mesma prontidão, que presta perfeito testemunho de nossa esperança em Cristo, também nos capacita a ter esperança em sua volta.

Na realidade, a esperança e a necessidade de se estar sempre preparados acham-se em ambas as cartas de Pedro. Que este comentário devocional sirva para fortalecer e estimular o povo de Deus a estar sempre pronto à vinda de Cristo.

1

Nossa Posição Privilegiada

1 Pedro 1.1-12

Em algum momento você já se sentiu despreparado, ou hesitante, para enfrentar os problemas da vida, ou para dar um testemunho decisivo de Cristo? Isto ocorre freqüentemente quando não reconhecemos quem somos e onde estamos. Os primeiros cristãos estavam em constante perigo. Além de perseguidos, achavam-se às voltas com falsos pregadores que alegavam ser ministros do Senhor. Eis por que Pedro escreveu suas epístolas pastorais. Tinha o apóstolo em mente ajudá-los a ver sua posição privilegiada em Cristo. Ele os estimulou a se manterem sempre preparados em seus postos, não somente à volta do Senhor, mas a executar quanto lhes fosse entregue.

I - Saudação a um Corpo Escolhido

Pedro apresenta-se como apóstolo. Basicamente, um embaixador com autoridade para entregar uma mensagem. No entanto, Jesus deu à palavra um significado todo especial ao separar os doze. Ele os escolheu como as

primeiras testemunhas de sua ressurreição, bem como de sua vida e ensinamentos (Lc 6.12, 13; Jo 15.16; At 1.21,22). Ele os escolheu também como os agentes que atuariam na fundação e construção da Igreja (Ef 2.20). Por conseguinte, a mensagem de Pedro é do próprio Senhor Jesus.

Nesta primeira parte de sua epístola, Pedro saúda os leitores de modo a lembrar-lhes a privilegiada posição de que desfrutam em Cristo (1 Pe 1.1,2). Em seguida, rende louvores a Deus por estabelecer-nos em tão singular posição (1 Pe 1.3-5); exprime sua alegria pelo que Deus fez em relação aos santos (1 Pe 1.6-9), e demonstra-lhes quão felizes, de fato, são estes (1 Pe 1.10-12).

Pedro trata seus leitores como se estivessem exilados e dispersos, numa clara referência à dispersão dos judeus por todas as nações do mundo. Mas em 1 Pedro 1.14; 2.10-12; 4.2-4, esta mesma expressão é aplicada às igrejas gentias. Embora isto não parecesse uma honra aos olhos do mundo, identificava-as como povo escolhido de Deus; "eleitos" (separados para servir), "de acordo com a presciência de Deus Pai".

Essa separação não precisa ser interpretada como predestinação arbitrária. Israel tornara-se um povo escolhido não por um afago todo especial de Deus, ou para ser-lhe a possessão favorita (At 10.34), mas para servi-lo (Is 41.8). Os israelitas, pois, foram separados, ou eleitos, a fim de preparar o mundo à vinda de Cristo, e para ser uma bênção a "todas as famílias da terra" (Gn 12.3). Vejo a escolha dos filhos de Israel como a dos comandos aliados na Segunda Guerra Mundial. A missão destes era justamente estabelecer cabeças-de-praia em território inimigo para que os outros pudessem avançar.

Mais uma vez a presciência de Deus tem de prevalecer, não tanto em seu conhecimento em relação a nós, mas em relação aos seus próprios planos e objetivos. Isto

é sentido na esfera da santificação pelo Espírito, e é efetuado através do sangue de Cristo pela demonstração de nossa obediência.

É muito importante, pois, que nós, como estrangeiros, exilados e residentes temporários neste mundo, lembremo-nos de quem realmente somos. Tal sensação experimentei, quando meu irmão e sua esposa partiram para uma viagem de dois anos ao Irã. Alugaram uma casa, compraram alguns móveis e acomodaram-se por lá durante algum tempo. Mas não passavam de residentes temporários; seus direitos eram limitados. Por isso não tinham a intenção de fazer do Irã sua residência permanente. Seu único propósito era executar o trabalho à empresa onde ele trabalhava. Embora estivessem no Irã, jamais deixaram de ser cidadãos dos Estados Unidos.

Portanto, nossa verdadeira morada acha-se nos céus, de onde somos cidadãos. Aqui, não passamos de residentes temporários (Fp 3.20). Mas assim que meu irmão e a esposa sentiram-se confortavelmente instalados no Irã, dé tão apaixonados que estavam um pelo outro, chegaram até a se esquecerem de voltar para casa. Assim também ocorre conosco. Sentindo-nos confortavelmente aqui, deixamos simplesmente de reagir ao amor de Deus (1 Jo 2.15). E, assim, já nos achamos despreparados à vinda do Senhor (Mt 24.45-51). O corpo eleito de que fala Pedro, pois, consiste de todo aquele que escolheu considerar os céus como sua residência permanente, e que já virou as costas ao mundo. Através do Espírito Santo, chama a Deus de "Pai" (Rm 8.15), pois fez dos céus, sua morada permanente.

II - Nossa Escolha por Deus

Se temos de permanecer neste corpo eleito, que a Bíblia identifica como a Igreja, precisamos reconhecer qual a razão de nossa escolha. Ele quer que permaneça-

mos como estrangeiros em território inimigo, santificados (separados, dedicados) aos mesmos propósitos que Ele determinou para si mesmo e para seu Filho. Devemos ser santos assim como Ele é santo. Este sempre foi o propósito de Deus para com o seu povo (Lv 19.2; 20.7).

A santificação que Ele almeja para nós é uma experiência positiva. Paulo refere-se a nós como "vasos para honra" (2 Tm 2.20,21). Lembra-nos isto os vasos do tabernáculo e do templo; eram separados de tudo que pudesse ser-lhes prejudicial ou destrutivo. Mas não foi isto o que os tornou santos. Embora dedicados ao Senhor, não se transformaram em vasos até que foram levados ao interior do templo, e usados no serviço de Deus (Êx 25.30; 30.29).

Diferentemente do Antigo Testamento, nossa santificação não é referendada por coisas externas como a circuncisão ou a ablução. Mas visando deixar bem patente o princípio da separação, Deus ordenou não se misturassem dois tipos de semente no mesmo campo, ou dois tipos de fios no mesmo traje. Já naquela época, seu propósito era uma separação, dedicação e consagração completa. Ele exigia uma santificação que levasse Israel ao louvor e ao serviço (Dt 10.16,20; Jr 4.4).

Um corpo eleito foi o que Deus planejou em sua presciência. Aqueles que pela fé foram salvos, nascidos do Espírito (Ef 2.8; Jo 3.3), e que perseveram como membros deste corpo, descobrirão o que Deus escolheu para eles: que sejam santificados pelo Espírito e com relação às coisas do Espírito. Que sejam selados pelo Espírito, e realmente designados como seu povo (Ef 1.13,14).

Observe, no entanto, que Pedro chama à atenção primeiro (1 Pe 1.2) sobre a nossa santificação pela obediência. É dada primazia ao positivo. Jamais poderemos obedecer a Deus até que estejamos santificados, separados e

dedicados a Ele em amor. Mesmo no Antigo Testamento, aos santos era ordenado amar a Deus em primeiro lugar, antes de obedecer a quaisquer de seus mandamentos (Dt 6.4-6).

Nossa santificação também é segundo o derramar do sangue de Jesus, que não pode ser encarado como algo meramente negativo. O sangue significa não apenas a purificação do pecado, como também o único modo pelo qual se tem acesso a Deus e a comunhão com Ele. Note também que Pedro não está falando da purificação inicial no ato da conversão, e sim, de um contínuo derramar que acompanha a perseverante obediência do que é santificado. Eis como João trata desse mesmo assunto: "Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1 Jo 1.7).

III - Uma Esperança Viva

Não é de admirar que Pedro bendiga a Deus (1 Pe 1.3), como o Pai de nosso Senhor Jesus. (Veja Rm 8.14-17). O Senhor Deus nos guindou a esta posição privilegiada, como seus eleitos, por intermédio de sua grande misericórdia. Ele nos arrancou de nossa condição - mortos em pecados, incapazes de ajudar-nos a nós mesmos e sem esperanças - e implantou em nós nova vida, de modo que somos agora mais do que suas criaturas. Somos primogênitos, filhos e filhas, membros de sua própria família com todos os direitos e privilégios, bem como responsabilidades (Ef 2.19).

Semelhante posição proporciona-nos mais do que novo status. Dá-nos nova expectativa, esperança vigorosa, garantida pela ressurreição de Jesus. As esperanças do homem natural são desapontadoras. Haja vista que o verdadeiro significado da palavra *esperança* adquiriu um sentido de contingência, quase de

improbabilidade. Costumamos dizer, "espero que sim". Mas ao dizê-lo, exprimimos incerteza e falta de conhecimento dos fatores que nos obstruem a expectativa. Todavia, não há incerteza na esperança cristã. Não é uma esperança do tipo "espero que sim", mas do tipo "sei que sim". É-nos assegurada pelo amor que levou Jesus à cruz e o ressuscitou dos mortos. Como bem o afirma Paulo, o amor que Deus nos confiou, e que o levou a entregar seu Filho em nosso favor, é certamente um amor suficientemente grande para fazer todas as provisões necessárias para garantir-nos o direito à sua glória (Rm 5.5-10; 8.38; 2 Tm 1.12; Jo 11.25,26).

Esta esperança dá-nos a certeza, não de uma Canaã terrena, nem de uma prosperidade efêmera, mas de uma herança, um presente que Deus nos reservou nos céus (1 Pe 1.4). Ao contrário das expectativas terrenas, que se esvaem tão facilmente das mãos dos que as buscam, estas não estão sujeitas à corrupção ou aviltamento (que as tornaria inúteis para Deus ou para o homem), nem se desfalecerão como a juventude.

Quanto a esta herança, estamos mais do que seguros, porque somos mantidos (guardados como se por uma guarnição de soldados) pela força operante de Deus (1 Pe 1.5). No entanto, isto não é arbitrário ou automático; é algo conquistado pela fé que, no Novo Testamento, sempre inclui obediência. O poder de Deus, pois, guardar-nos-á de tal forma que obteremos com certeza a herança que Pedro agora define como salvação. Mas, por salvação, ele não está se referindo à conversão. A salvação, que é a nossa esperança, é algo futuro, embora desfrutado no presente, como expõe-nos João: "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é" (1 Jo 3.2).

IV - Uma Alegria Presente

Como o cristão está cheio desta viva esperança (1 Pe 1.6), há que se alegrar não apenas em seu interior mas, como diz o grego, com expressões abertas de evidente deleite e liberdade. Ele sabe que, embora esteja sofrendo dores e desgostos de toda sorte, julgamentos e provações, tudo há de passar. Tais coisas são leves em comparação com o peso eterno da glória que nos aguarda (2 Co 4.17).

O cristão sabe perfeitamente que, se Deus permite que nos sobrevenham provações, é porque são necessárias para purificar-nos a fé. Esta tem de ser purificada (1 Pe 1.7). A fé genuína, livre de impurezas, é mais preciosa que o ouro. Aliás, até mesmo o ouro, submetido ao teste do fogo, acaba por perder-se. Mas o julgamento de nossa fé trar-nos-á louvor, honra e glória no aparecimento de Jesus, quando nos tornarmos semelhantes a Ele (1 Jo 3.2).

Isto significa apenas uma esperança distante, enquanto o presente é desolado e negro? Será que nos foi prometida apenas uma esperança futura? Não existirá nada para nós neste momento, a não ser "promessas no céu"? Nada disto! Embora ainda não tenhamos visto a Jesus (1 Pe 1.8), nós o amamos. Como crentes, compartilhamos das bênçãos prometidas por Ele àqueles que não o viram (Jo 20.29). Em nosso amor e fé, encontramos a causa do contentamento (exultamento, quase frenético) com uma fé inefável (expressão mais próxima para expressar algo que nenhuma língua ou palavra é capaz de exprimir), uma alegria repleta de glória (isto é, da *shekinah*, a manifesta glória ou a consciente presença de Deus), uma alegria, enfim, proveniente da salvação.

Mais uma vez a salvação a que Pedro se refere aqui (1 Pe 1.9) não é a conversão, mas a consumação final de nossa redenção. Sua plenitude não será experimentada

até que sejamos tomados, transformados; até que tenhamos recebido corpos imortais, e estejamos para sempre com o Senhor (1 Ts 4.17; 5.9; 1 Co 15.41-54). Ainda assim, vislumbra-se já uma participação do que nos está reservado nos céus. Através da fé, temos um gozo inefável; e, pelo Espírito Santo, um penhor (primeira prestação) do que o Senhor reservou-nos (1 Co 2.9, 10,12; Ef 1.7,13,14).

V - Um Grande Privilégio

Além do privilégio de nossa posição que nos possibilita desfrutar da herança que nos reservou o Pai, o apóstolo Pedro mostra a antecipação de nossa esperança e salvação, chamando a atenção aos profetas (1 Pe 1.10) e anjos (1 Pe 1.12).

Os profetas, pelo Espírito de Cristo (outro nome do Espírito Santo, 2 Pe 1.21) que neles operava, apontaram para o sofrimento de Cristo. Eles o viram como nosso sacrifício, e vislumbraram as glórias que se seguiriam como resultado de sua vitória no Calvário. Os profetas tiveram mais a dizer a respeito de seus dias do que sobre o futuro. Eles eram porta-vozes de Deus; transmitiam ao povo sua vontade. Reforçando suas mensagens, faziam revelações do plano de Deus para o futuro.

As profecias referentes a Cristo fizeram com que eles vissem mais à frente. Uma vez que eles o vislumbraram, não podiam satisfazer-se em se acomodarem e se preocuparem apenas com o agora. A visão da graça profetizada para nós, gentios, também os inflamou com um grande desejo de procurar e investigar diligentemente a respeito do tempo e da forma em que essas coisas iriam acontecer (1 Pe 1.11). Deus, no entanto, não lhes revelou os tempos e as épocas. Ele apenas deixou claro que eles estavam ministrando tais coisas não a si mesmos, mas a uma geração futura, isto é, para nós, crentes em Cristo (1 Pe 1.12).

Na realidade, estas coisas foram reveladas pelo Espírito Santo, derramado no Dia de Pentecoste (Jl 2.28; At 2.4,16,25), através dos primeiros pregadores do Evangelho (At 5.32). Mais que isto, elas referem-se à nossa herança; são tão maravilhosas que até mesmo os anjos desejam (esperam ansiosamente) olhá-las de perto (darem uma olhadela, curvando-se ou perscrutando como numa esquina).

Sim, no mundo teremos tribulações, perseguições e angústias. São julgamentos e provações permitidos por Deus de tempo em tempo (Jo 16.33). Mas ainda que estejamos em meio a tais provações, nossa posição é extremamente privilegiada; é uma posição que os profetas viram, e os anjos apenas perceberam. Se nela perseverarmos, estaremos preparados para qualquer coisa.

2

Arautos das Virtudes Divinas

1 Pedro 1.13-2.10

Por que fomos postos numa posição tão favorável como herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo (Rm 8.17)? Certamente não o foi para nos acomodarmos e desfrutar de todas essas bênçãos sem nenhuma responsabilidade até que Jesus volte. Deus assim nos privilegiou para que proclamemos as virtudes do Deus que nos chamou das trevas à sua maravilhosa luz (1 Pe 2.9,10).

Para se atingir este fim, faz-se necessário mais que um testemunho casual ou superficial de nossa parte. É necessário dedicar a Deus nossas mentes (1 Pe 1.13-15), nossa maneira de viver (1 Pe 1.16-25), nosso crescimento espiritual (1 Pe 2.1,2) e nosso louvor (1 Pe 2.3-10).

I - O Propósito de Ser Santo

Nossa mente, pensamentos e imaginação, são os maiores obstáculos para um perfeito testemunho (Ef 4.17). Eis porque Pedro insta-nos a cingir o lombo de nosso entendimento. Quando os homens usavam túnicas, era necessário cingir-se com uma tira de couro, ou pano, para prendê-la.

Tornava-se difícil executar qualquer trabalho com as abas da túnica abanando, pois atrapalhavam os movimentos. Cingir os lombos da mente significa fazer o que for preciso para estar sempre preparado para desenvolver pensamentos sérios e executar propósitos também sérios. Significa estar sóbrio (autocontrolado, alerta), dirigindo a esperança com base na graça que nos será dada quando da revelação de Cristo Jesus (1 Pe 1.13).

Como nos mostraremos maduros e sóbrios? Sendo, e continuando a ser, filhos obedientes (1 Pe 1.14). Ou, como o grego o apresenta, "filhos da obediência"; uma maneira de dizer que nossas vidas são caracterizadas por uma obediência contínua ao Senhor e à sua Palavra.

Isto significa que não vamos nos amoldar à vida anterior (desejos, paixões, ansiedades). Significa ainda que temos o Deus santo como o padrão de nossa santidade, de modo que a dedicação à sua vontade venha a caracterizar-nos em toda a nossa maneira de ser, especialmente no que se refere ao tratamento com o próximo.

A expressão "tornai-vos santos" (1 Pe 1.15) poderia também ser traduzida como "tornai-vos sagrados". Infelizmente, a linguagem corrente mudou o real significado da palavra *santo*. No Novo Testamento, santos eram simplesmente aqueles que haviam virado as costas ao mundo, ao orgulho e à justiça própria, para seguir a Jesus. As palavras *santo, sagrado, santificado, dedicado, consagrado* têm um sentido básico na Bíblia: ser separado para Deus como seu povo e para seu serviço. Conforme vimos no capítulo anterior, no Antigo Testamento, Deus conduziu seu povo a uma vida de santificação para que lhe fosse sagrado (Lv 19.2; 11.44; 20.7). A santidade divina era o parâmetro.

Em todos os tratados sobre a santidade divina que já li, a palavra é praticamente definida como a separação de tudo que é mau, errado, pecaminoso, fraco, ou meramen-

te maculado. Mas a separação que Deus requer de nós é mais que uma simples separação do pecado. É claro que, como lembra Paulo, temos de fazer morrer nossa natureza terrena, pois esta inclina-se à prostituição, impureza, paixão, lascívia e à avareza, que não deixa de ser idolatria. Mas também temos de erguer o novo homem, no qual Cristo seja tudo e esteja em tudo. Estabeleçamos nossas afeições, pensamentos e atitudes *pelas* coisas de cima, guiados por Cristo e pelo que Ele tem preparado para nós (Cl 3.2,5,8-10).

Deus também tem de ser visto como santo de maneira positiva. A Bíblia, na realidade, demonstra que Ele mesmo se separou por amor a nós; dedicou-se ao cumprimento de seu grande plano, que culminará com a volta do Salvador e o estabelecimento de seu reino (Is 9.7). No Egito, muitos israelitas se haviam voltado à idolatria. Mesmo assim, Deus os libertou. Não por serem eles bons, mas porque o Senhor Jeová queria que o seu santo nome (natureza, fidelidade e amor) fosse plenamente reconhecido (Ez 20.8,9).

O mesmo se pode dizer quanto às misericórdias que Deus lhes dispensou no deserto (Ez 20.14,22), e à restauração de Judá depois do exílio babilônico (Ez 20.44). O renascimento de Israel no final dos tempos, de igual modo, não é porque eles o mereçam; pois, apesar de sua descrença, tornarão a viver. Deus o fará por causa de seu santo nome (Ez 36.22-28). Sua santidade é a razão que o leva a execução de seus planos. Por conseguinte, se formos santos como Ele o é, tornar-nos-emos seus companheiros, cumprindo nossa parte em seu grande plano (1 Co 3.9).

II - Capaz de Amar

Nossa posição privilegiada como escolhidos de Deus, como seus filhos e herdeiros, significa ainda que não

estamos sós em nossos esforços. Podemos recorrer a Ele (apelar a Ele por ajuda) como nosso Pai (1 Pe 1.17). Mas aceitá-lo como Pai significa receber não apenas os privilégios da filiação, mas a responsabilidade de se compartilhar sua obra.

Como nosso Pai, Deus jamais se mostrará fraco ou descuidado em relação a nós. Tampouco tratar-nos-á com parcimônia. Pois Ele não é apenas nosso Pai; é o Juiz de toda a terra com quem podemos contar para fazer o que é correto (Gn 18.25). Afinal, ninguém escapará ao julgamento de suas obras; julgamento esse a ser executado por Cristo, de acordo com João 5.22,27,29; Romanos 2.16; 14.10; 2 Coríntios 5.10.

Reconhecer a Deus como o Juiz de nossas obras não implica em se viver aterrorizado. Embora Pedro nos recomende a passar todo o tempo de nossa curta existência em temor, não sugere que vivamos covardemente. Em lugar disso, fala de uma atitude de reverência a Deus que nos proporciona o gozo segundo os caminhos de Deus. Ao mesmo tempo, esta atitude inspira-nos a uma precaução que não nos induz a abusar da maravilhosa graça de Deus.

Imagine o que significa, para Deus e para nós, termos sido redimidos (1 Pe 1.18). O preço de nossa redenção foi pago por algo extremamente mais valioso que o ouro e a prata que se corrompem e perecem. Pedro insiste em lembrar-nos do valor temporário das coisas materiais que, para obtê-las, os homens dão a própria vida. Tudo o que obtivemos com toda nossa prata e ouro foi uma vida sem Deus - vazia, irreal e improdutiva; uma forma inexpressiva de se lidar com o próximo. Pela graça de Deus, fomos comprados e libertados de nossa vã maneira de viver pelo precioso sangue derramado por Cristo. Sua morte no Calvário foi a de um cordeiro pascal destinado a libertar-nos do Egito de pecados, do poder da morte

eterna e do julgamento (Jo 1.19; Hb 9.14; Êx 12.5). Seu sangue, que era sua própria vida (Gn 9.4; Lv 17.14) foi derramado por nós. Em verdade, nenhum preço mais alto poderia ter sido pago!

Imagine ainda o que significa o fato de tal preço não haver sido considerado posteriormente (1 Pe 1.20). A cruz de Cristo não foi uma tragédia impulsiva. Mesmo antes da formação do mundo, o Pai e o Filho já haviam considerado o preço de nossa redenção.

É óbvio que Deus poderia ter-nos criado de tal forma que o pecado em nós se fizesse impossível. Ele poderia ainda ter-nos programado para que praticássemos apenas o que é correto. Mas isto nos teria transformado em fantoches, autômatos. Em seu imenso amor, porém, desejava filhos e não bonecos para Ele brincar. Por isso, fez uma provisão para que nos tornássemos seus filhos e herdeiros de sua glória com Cristo. Ele também deseja nossa amizade, companheirismo e amor. E, assim como seu amor é dado graciosamente, também de graça deve ser dado o nosso amor. Jamais poderíamos compartilhar de suas obras, de seu plano e de sua glória, se não fôssemos livres para oferecer-lhe nosso discernimento e vontade.

O pecado e a rebelião afetaram de tal maneira o coração e a mente do homem que foi necessário um longo tempo de espera até que o mundo estivesse preparado à vinda de Cristo. Sua morte tinha de ser não apenas consumada, mas compreendida e aceita. Podemos ver que dificuldades os discípulos tiveram para entender a Jesus quando este começou a explicar-lhes o real significado de sua morte e ressurreição (Mt 16.21,22).

Imagine quão mais difícil não teria sido se Jesus houvesse vindo nos dias do Antigo Testamento, quando os judeus achavam-se a adorar os ídolos sob todas as árvores verdes (1 Rs 14.23; 2 Rs 17.10; Is 57.5; Jr 2.20).

Fizeram-se necessários o Cordeiro Pascal e os sacrifícios levíticos para que entendêssemos o real significado do sacrifício de Jesus. Nossa redenção concretizou-se na plenitude dos tempos. Ou, como escreve o apóstolo Paulo: "Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho" (Gl 4.4).

III - Nossa Reação ao Evangelho

Por quem Ele veio? (1 Pe 1.20,21). Cristo morreu por todos; a salvação está ao alcance de todos. Embora Deus soubesse que nem todos haveriam de crer, decidiu pagar o preço por aqueles que, através de Jesus, viriam a crer nEle. Em sua completa provisão, ressuscitou a Jesus dos mortos, restaurando-lhe a glória que o seu Filho desfrutava desde antes da fundação do mundo (Jo 17.5). Noutras palavras: Deus fez a obra completa para que nossa fé e esperança estivessem eternamente nEle.

Pedro agora deixa claro (1 Pe 1.22) que, ao apelar à santidade, não estava presumindo que seus leitores haviam deixado de progredir na fé. Pois eles, afinal, haviam nascido de novo por meio da Palavra de Deus. Os grandes deste mundo geralmente conseguem riqueza e posição pelo status herdado dos pais. Mas isto não se aplica ao cristão. Este não pode depender da religião dos pais para entrar na vida eterna. Ele precisa receber o dom do alto (Jo 3.3) através da mensagem da cruz.

Isaías discorre sobre o caráter eterno da Palavra de Deus (Is 40.6-8), e Pedro cita-o para referendar a verdade (1 Pe 1.24,25) que nos proporciona consolo (Is 40.1). Afinal, como havia ensinado Jesus, o Espírito Santo é o Consolador. Esta mesma Palavra encontra plena expressão no Evangelho - as boas novas. Diante destas, os leitores de Pedro haviam reagido com fé.

A reação ao Evangelho deu-se na direção correta como foi demonstrado (1 Pe 1.22) pela maneira como purifica-

ram suas almas; uma purificação nem superficial nem temporária. E, sim, por uma limpeza evidenciada pela obediência à vontade divina. Mas eles não pararam aí. Ao se purificarem, livraram-se dos hábitos e atitudes que os separavam uns dos outros. Assim, foram capazes de se integrarem num amor sincero, elevado e santificado. Enfim, um amor com auto-entrega que fluía mutuamente de seus corações. Observe que a primeira parte do versículo 22, no original grego, não é uma ordem; é um amplo reconhecimento do tipo de amor que devemos demonstrar.

IV - Almejando a Palavra de Deus

Não é com total contentamento, porém, que Pedro elogia seus leitores pelo progresso que já alcançaram. O capítulo dois prossegue conclamando-os a um crescimento maior e contínuo.

Em primeiro lugar (1 Pe 2.1), ele reconhece que o amor, condição básica para o crescimento, reivindica que nos dispamos de toda malícia, desordem, perversidade, vício, fraude, dolo, deslealdade, hipocrisia, invejas, rancores, ciúmes, calúnias, observações que destratam ou diminuem os demais etc.

Pedro (1 Pe 2.2) conclama-nos a manter a posição de recém-nascido, que não pode passar sem o leite materno. Se nos descuidarmos, agiremos como a criança que, logo cedo, já demonstra ira e revolta. Começa a querer coisas que não pode ou não deve ter. Mas não há nada que um recém-nascido mais almeje do que o puro leite para crescer.

Alguns supõem que Pedro refira-se aqui apenas aos novos convertidos. Mas parece óbvio que ele está a se dirigir a todos os membros das igrejas da Ásia que, segundo ele dá a entender, já vinham apresentando algum progresso. O apóstolo estimula, pois, uma atitude permanente de todos os santos.

Sobre o mesmo assunto, eis o que Paulo coloca: "Irmãos, não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, sede crianças; quanto ao juízo, sede homens amadurecidos" (1 Co 14.20). Isto significa que, nas coisas espirituais, não podemos estar "agitados de um lado para o outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro" (Ef 4.14). A única maneira, pois, de o crente permanecer como um recém-nascido é jamais perder o anseio pelo leite espiritual. Assim jamais deixará de crescer.

Pedro não está apresentando um contraste entre o leite e a carne, ou qualquer outro alimento sólido, como em Hebreus 5.13,14 e 1 Coríntios 3.2. Ele está referindo-se a toda Palavra de Deus como um leite puro, não adulterado, que nos provê de tudo o que necessitamos para um crescimento espiritual harmônico. O contraste é entre o leite puro e o leite contaminado.

Temos de manter o anseio pela Palavra em sua simplicidade e pureza. Jamais devemos nos perder nas especulações dos falsos profetas. Aliás, todo falso culto necessita de algum livro, tradição, sonho, ou revelação, para estabelecer suas doutrinas. Insistimos, porém, ser a Bíblia um guia moral e doutrinário suficiente. Ela é tudo o que necessitamos para crescer na graça (os melhores manuscritos acrescentam "para a salvação", no final de 1 Pe 2.2). A Palavra de Deus não adulterada produzirá um contínuo crescimento até que recebamos a herança que nos pertence quando da volta de Cristo.

IV - Cumprindo o Plano de Deus

Pedro deixa óbvio que nós, realmente, já experimentamos ser o Senhor cheio de graça (1 Pe 2.3). Ou seja: Ele é bondoso e fiel, de tal forma, que nos sentimos bem

em sua presença. Este gosto pela bondade divina torna-se no apetite que nos fará alimentar sempre da Palavra. Somente com o seu estudo fiel, acompanhado pela obediência, é que poderemos crescer na graça e no conhecimento do Senhor.

Agora, Pedro muda de figura. Do crescimento da criança passa ao crescimento de uma construção (1 Pe 2.4). Nosso crescimento espiritual nunca será atingido isoladamente. Embora obtenhamos algumas coisas de Deus, quando estamos a sós com Ele, há outras que nunca obteremos até que entremos à sua presença como um corpo, preocupados uns pelos outros e com o bem-estar do todo. Existe apenas um corpo e, conseqüentemente, apenas um Templo Sagrado de Deus (Ef 1.23; 2.15,16, 20-22; 4.12,13,16). Por conseguinte, precisamos uns dos outros para que o todo se complete.

Alguns estudiosos interpretaram mal o nome de Pedro. No grego significa *petros*, ponta tirada de uma pedra, para ser a rocha (no grego, *petra*, uma grande e sólida rocha) sobre a qual Jesus prometeu construir sua Igreja (Mt 16.18). Paulo não cometeu tal engano, pois mostra que só há uma fundação em Jesus Cristo (1 Co 3.11). Nem o próprio Pedro supôs que seria a rocha, ou pedra de fundação. Ele fala de Jesus como a pedra viva, desaprovada (rejeitada, desqualificada porque não se adaptava aos padrões espirituais judaicos) pelos homens, mas para com Deus, escolhida, preciosa e tida em grande honra.

Vimos, então, não a Pedro, mas ao próprio Jesus. Através dEle tornamo-nos pedras vivas já que fomos transformados em sua imagem, feitos iguais a Ele. Como estamos numa relação pessoal com Cristo, tornamo-nos pois no sacerdócio que serve ao templo. Ele fez de nós sacerdócio santo, capazes de oferecer sacrifícios aceitáveis a Deus através de seu sacrifício maior (Rm 12.9). A

Igreja, pois, não é um mero clube social. Nela, chegamos juntos para o louvor. Os salmos, hinos, pregações, línguas e interpretações, dons e revelação, devem ser ministrados de forma sacerdotal, visando sempre a edificação (construção) do corpo (1 Co 14.26; Ef 4.15,16; 5.19,20; Cl 3.16,17).

VI - Um Templo Cumprindo a Profecia

Este relacionamento com Cristo num templo sagrado não foi algo sonhado pelos apóstolos (1 Pe 2.6). Tampouco uma nova revelação. Mas algo que já havia sido ensinado no Antigo Testamento. Isaías o profetizou (Is 28.16). Ele viu a pedra angular - o Servo Escolhido de Deus para cumprir a obra de redenção. Quem quer que nEle cresse, não viria a ser confundido; de forma alguma perderia a graça diante de Deus, ou seria exposto à vergonha no Dia do Juízo.

Para aqueles (1 Pe 2.7) que crêem, Ele é precioso, pois passamos a compartilhar de sua honra quando nos tornamos pedras vivas neste templo espiritual. Mas àqueles que não crêem, a Bíblia tem outra palavra (Sl 118.82). Esta pedra rejeitada (Cristo) tornou-se a pedra angular, e como tal, suporta todo o edifício.

Para os descrentes (1 Pe 2.8) Isaías tinha outra palavra. Cristo é a pedra de tropeço, uma sólida rocha de ofensa que os confunde. Na realidade, eles se mantêm tropeçando na Palavra por persistirem na desobediência. Através de seus tropeços, descobrem que a sua contumácia leva-os a tropeçarem em Cristo. Rejeitá-lo faz com que afundem ainda mais no pecado.

Que contraste (1 Pe 2.9) com os crentes! Mais uma vez Pedro enfatiza nossa posição privilegiada. Fazemos parte de uma geração escolhida, de um sacerdócio real (corpo de reis que exercem o ofício sacerdotal),

de uma nação santa (incluindo judeus e gentios, Ef 2.12-20), e de um povo feito propriedade particular de Deus.

Tais expressões (1 Pe 2.9) faziam parte da promessa feita por Deus a Israel no Sinai. Se tivessem ouvido sua voz e guardado sua aliança, estas coisas seriam verdades para eles (Êx 19.5,6). Mas, devido a sua desobediência, estas relações e ministérios nunca chegaram a ser cumpridos na íntegra. Fez-se necessária a Nova Aliança para conduzir judeus e gentios a um novo corpo. Sob a Lei, somente algumas pessoas eram separadas como sacerdotes. A massa do povo, que não era descendente de Arão, não tomava parte no ministério do templo. Mas sob a graça, todos os crentes fazem parte do sacerdócio. O cristão não precisa de ninguém, somente de Jesus, para lhe dar acesso ao Santo dos santos, à presença de Deus (Hb 10.19,20).

Ao entrarmos de posse dos privilégios sacerdotais, proclamamos os louvores daquEle que nos tirou do reino das trevas à sua maravilhosa luz, revelada em Cristo e comunicada a nós, e através de nós por Ele (Is 9.2; 60.1; Jo 8.12; 9.5; 12.35,36).

Tudo isto pela misericórdia de Deus (1 Pe 2.10). Pedro toma uma passagem originalmente dirigida aos judeus, mas que agora se aplica a toda a Igreja - judeus e gentios (Os 1.10; 2.23). Paulo faz o mesmo (Rm 9.24-26). Nós que éramos não-povo, agora somos povo de Deus. Nós que nada sabíamos das misericórdias de Deus, agora as gozamos por completo.

Nós, que somos tão favorecidos, deveríamos estar sempre preparados para testemunhar sobre todo o poder de Deus capaz de transformar *ninguéns* em *alguéns* em seu reino. Pode ser verdade que "não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus

escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as cousas fracas do mundo para envergonhar os fortes" (1 Co 1.26,27). Mas somos o que somos em Cristo Jesus, "o qual se tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção, para que, como está escrito: Aquele que se glorie, glorie-se no Senhor" (1 Co 1.30,31).

3

Harmonia pela Submissão

1 Pedro 2.11-3.12

"Uma luta atrai multidões", disse alguém. Pode funcionar com os filhos de Deus, enquanto estiverem lutando contra o diabo e as forças do pecado, do mal, do desânimo. Mas ninguém se beneficia com uma discórdia na igreja ou na família. Nada deixa marcas mais profundas. Nada repele mais a multidão. Não pode haver obstáculo maior ao nosso testemunho. Quem, no meio de uma discórdia, se sente em condições de falar das maravilhas de Deus?

Disse o Senhor Jesus: "Nisto saberão que sois meus discípulos: se amardes uns aos outros" (Jo 13.35). Não há testemunho mais efetivo e atrativo do que o procedente de um corpo harmonioso de irmãos em Cristo que, verdadeiramente, amam uns aos outros.

A Bíblia alerta-nos mais uma vez quanto à importância de um relacionamento harmonioso, não apenas com Ele, mas também com os nossos semelhantes. Neste capítulo (1 Pe 2.11-3.12), Pedro primeiramente aborda a causa da desarmonia (1 Pe 2.11) e prossegue tratando de

nosso relacionamento com os ímpios (1 Pe 2.12) e com governos terrenos (1 Pe 2.13-17). Fala também do relacionamento entre escravos e senhores, que pode ser usado em relação a empregados e empregadores (1 Pe 2.18). Depois refere-se ao relacionamento entre maridos e esposas (1 Pe 3.1-7). E, finalmente, fala da necessidade de uma vida plena e satisfatória (1 Pe 3.8-12).

I - A Causa da Desarmonia

Pedro (1 Pe 2.11) dirige-se novamente a seus leitores como o fez no princípio da carta. Ele quer que saibam que ele não os está repreendendo. Deixa claro que todos eles são afetuosamente amados por Deus, por Cristo, pelo próprio apóstolo, e, reciprocamente, entre si. Apenas os está exortando a serem o que são, e a agirem adequadamente. Devem estar sempre conscientes de que ainda são estrangeiros: imigrantes com "direitos" terrenos limitados, cujo lar verdadeiro é ao lado de Cristo, nos céus.

Como cidadãos dos céus, devem abster-se da lascívia - desejos carnais que nascem de uma natureza decadente e pecaminosa, sejam da mente ou do corpo. Tais desejos fazem guerra contra a alma. Noutras palavras, a fonte dos conflitos com os que nos cercam é encontrada nos desejos procecentes da velha natureza (Tg 4.1,2). Uma vida que Paulo descreve como "o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar [isto é, Satanás], do espírito que agora opera nos filhos da desobediência [aqueles que normalmente são desobedientes a Deus e à sua Palavra] entre os quais também todos nós andamos [vivíamos segundo o mesmo estilo de vida] outrora, segundo as inclinações de nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais" (Ef 2.2,3).

Paulo identificou as obras da carne como "prostituição [incluindo todos os demais tipos de imoralidades sexuais, tanto antes, quanto depois do casamento], impureza [especialmente pensamentos imundos e motivos impuros], lascívia [impudicícia, conduta indecente chocante], idolatria [incluindo tudo que se refere à adoração de imagens e devoção a objetos sem valor], feitiçarias [incluindo brucharia, o ocultismo e tudo que envolve o abuso de drogas], porfias [incluindo atitudes e ações que demonstram hostilidade], ciúmes [emulação], iras [explosão de raiva ou fúria], discórdias [a ambiciosa procura de seguidores e dádivas, subornos, rivalidades], dissenções [divisão entre pessoas], facções [sectarismo resultante de opiniões auto-formadas ou opiniões pessoais usadas para dividir a unidade da igreja], invejas [rancor e ciúmes das vantagens obtidas por outrem], bebedices, glutonarias [incluindo qualquer grau de intoxicação], e outras coisas semelhantes a estas" (Gl 5.19-21).

É claro que, ao aceitar a Cristo, viramos as costas a estas coisas. Mudamos nossa maneira de pensar; afastamo-nos de nossos pecados passados. Mas o fato de agora sermos filhos de Deus não significa que a guerra terminou. Os desejos carnais ainda brotam, ainda fazem guerra contra a alma. Não devemos embalar-nos pela falsa confiança da carne (Fp 3.3). Não importa qual seja nossa experiência espiritual, esses desejos ainda não foram definitivamente afastados de nós (Tg 1.14,15).

Paulo é ainda mais enfático que Pedro. Não temos de abster-nos apenas dos desejos já mencionados. Se morremos com Cristo (ou seja: se já nos identificamos com Ele em sua morte e ressurreição, como estabelece a simbologia do batismo nas águas), temos também de, através do Espírito Santo, mortificar as obras pecaminosas de nosso corpo (Rm 6.1-13; 8.12,13; Cl 3.5,8,9).

II - Relacionamento com os Incrédulos

Ao evitar as concupiscências da carne (1 Pe 2.12), podemos manter um estilo de vida honesto e honrado entre os gentios (pessoas não convertidas). Por mais santos que sejamos, eles referem-se a nós como a malfeitores. Todavia, não suportarão ver a realidade de nossas boas obras. Mas, ainda que se recusem a admiti-lo, no dia da visitação (quando Deus os chamar a juízo), seus olhos serão abertos. Aí terão de reconhecer que, o que Deus fez por nós, e através de nós, é algo realmente belo. Diante dos fatos, haverão de glorificar a Deus pelo que Ele fez em nós para tornar nossas vidas possíveis.

Devemos estar preparados para entrar em conflito com o mundo. Nem o crente e o ímpio, nem a igreja e o mundo, podem viver em harmonia, uma vez que suas naturezas e lealdades são opostas umas às outras (1 Jo 3.13; 5.19). Todavia, temos de viver por enquanto neste mundo (Jo 17.15), e estar sempre preparados para honrar a Jesus. Mas que os conflitos não advenham por causa da leviandade de nossa conduta! Ainda que este mundo não seja nosso lar, devemos respeitar suas leis, instituições e governo (1 Pe 2.13).

III - Relacionamento com o Governo Humano

A Bíblia mostra-nos que, como cristãos, podemos viver sob qualquer forma de governo. Ainda que, como estrangeiros, nossos direitos sejam limitados no que diz respeito a este mundo. Mas enquanto cidadão dos céus, temos uma lealdade mais elevada, e isto deve colidir com nossas responsabilidades perante os potentados terrenos. Foi o que ocorreu quando o Sinédrio ordenou a Pedro e a João a não mais pregarem no nome de Jesus. Eles foram obrigados a declarar que lhes era necessário obedecer antes a Deus que aos homens. O próprio Jesus os tinha

comissionado. Por isso, não podiam deixar de contar as coisas que haviam visto e ouvido (At 4.19,20).

Vejamos o exemplo do próprio Cristo. Num momento difícil, Ele evitou o choque com o poder imperial romano, ao recomendar: "Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Mt 22.21). A Bíblia é muito clara ao afirmar que Deus instituiu as autoridades terrenas para que mantenham a ordem e a legalidade (Rm 13.1-7).

A responsabilidade do cristão, enquanto residente temporário na terra, é submeter-se de boa-vontade às instituições humanas. Assim o fazemos não porque tais instituições sejam boas. Elas podem estar mui distantes do ideal bíblico. O império romano em nada diferia das ditaduras modernas. Não obstante, Pedro e Paulo exortavam aos crentes a acatarem-lhe as leis. Assim procedemos, não para agradar ao governo, mas ao Senhor.

Uma breve observação da história é suficiente para demonstrar que o cristão nada obtém de real ao envolver-se em atividades subversivas, ainda que pacíficas. E, mesmo que venha a derrubar um governo corrupto, o que lhe sucede, geralmente, acaba por cair nos mesmos vícios. Pela democracia, podemos escolher os melhores governantes. Quanto à insubordinação e à luta armada, Pedro não abre quaisquer brechas.

A Bíblia mostra como os governos se sucederam desde Babilônia até ao sistema atual. De uma forma ou de outra, a imagem da velha Babilônia ainda persiste (Dn 2.36-40). Em sua volta, porém, Cristo trará o juízo de Deus a este mundo, varrerá suas instituições e cultura, e implantará um reino melhor - o Milênio (Dn 2.44; 2 Ts 1.7-10; Ap 11.15; 19.11-20.6).

Ao sujeitar-nos aos soberanos e governantes terrenos (1 Pe 2.14), reconhecêmo-los como enviados por Deus. Isto significa que Deus é o que detém o controle de tudo,

como Nabucodonosor e Belsazar tiveram de admitir (Dn 4.34-37; 5.18-23). Ao sujeitar-nos a eles, expressamos também a confiança de que Deus tudo fará para que eles cumpram seus propósitos - a punição dos malfeitores e o louvor daqueles que fazem o bem. Esta é a vontade de Deus, quer eles entendam ou não os propósitos divinos.

Deus pode utilizar-se do governo humano (1 Pe 2.15) para reconhecer nosso bom procedimento, e silenciar a ignorância dos que se recusam a considerar a verdade. O escrivão da cidade em Éfeso agiu dessa forma quando a turba levantou-se contra Paulo (At 19.35-38). Mesmo jogados na prisão injustamente, Paulo e Silas não começaram qualquer campanha contra o governo. Em vez disso, submeteram-se, oraram, e cantaram. Embora torturados, prestaram testemunho aos outros prisioneiros. Então, Deus libertou os apóstolos, salvou o carcereiro. No final, o governo acabou por justificá-los (At 16.19-39).

Nem a perspectiva de morte sob Nero fez com que Paulo se rebelasse. Ele submeteu-se, pois sabia que estava nas mãos de Deus. Ele estava pronto a dar o sangue como oferta ao Senhor (2 Tm 4.6). Quer o governo nos justifique ou não, temos de, por nossas boas obras, fazer calar a ignorância do homem sem Deus.

IV - Livre em Cristo

Seja qual for a forma de governo, o cristão é livre (1 Pe 2.16). Mas só nos conservaremos livres, enquanto permanecermos na palavra de Cristo (Jo 8.31,32,36). Quando vieram a Pedro, e perguntaram-lhe se Jesus pagava impostos, o Senhor indagou ao discípulo se os reis da terra cobravam impostos e taxas de seus próprios cidadãos ou só dos estrangeiros. Para evitar problemas desnecessários, Jesus enviou Pedro com a promessa de que o primeiro peixe que fisgasse teria, na boca, dinheiro suficiente para pagar o imposto por ambos (Mt 17.24-27).

Nossa condição de filhos de Deus não deve ser usada como pretexto à iniqüidade. Apenas como servos de Deus é que poderemos manter nossa liberdade. Usemos, pois, essa liberdade, não para reclamar nossos direitos, mas para servi-lo e fazer-lhe a vontade.

Quanto aos potentados humanos, nossa atitude (1 Pe 2.17) deve ser a de dar honra a todo homem, mesmo que alguns não o mereçam, como Nero certamente não o merecia. Amemos nossos irmãos em Cristo. Temamos a Deus, e honremos ao rei. Assim, os manteremos em suas devidas perspectivas, sem deixar de dar a Deus o lugar que Ele requer e merece.

V - O Relacionamento entre Escravos e Senhores

O conselho de Pedro aos escravos (1 Pe 2.18) pode parecer-nos estranho, mas vai ajudar-nos a conhecer como funcionava a sociedade daqueles dias. Em algumas áreas do Império Romano, cerca de 80 por cento das pessoas eram constituídos de escravos. O propósito da escravidão, em alguns casos, não era propriamente a exploração. Se alguém não tinha condição de pagar as dívidas, por exemplo, era vendido como escravo, e o dinheiro usado para saldá-las. A idéia por trás disso era que, se a pessoa era incapaz de controlar suas finanças, tinha de ser colocada sob as ordens de um homem bem sucedido nos negócios com quem pudesse aprender alguma coisa. Nesse meio tempo, ele dar-lhe-ia moradia, vestimenta e um salário simbólico. Não eram poucos os escravos que viviam melhor que muitos trabalhadores diaristas.

Muitos eram escravizados quando a sua cidade, ou país, era derrotada em guerra. A política dos romanos consistia em se tomar juramento de lealdade ao povo da cidade conquistada, e determinar-lhe o tributo a ser pago. O povo comum, então, era autorizado a voltar para casa.

Os médicos, advogados, professores e trabalhadores especializados, porém, eram levados para Roma. Os generais doavam-nos como escravos a seus amigos.

O objetivo de Roma era ensinar-lhes a língua, maneiras e costumes romanos, de modo a torná-los úteis ao império. Era um ato religioso libertar um escravo ou fazê-lo sócio de seu amo. Alguns escravos alforriados tornaram-se mais ricos que os seus senhores. Entre os cristãos, não eram poucos os escravos. Já que Áquila era um nome comum entre estes, e Priscila um nome próprio das classes altas, muitos acreditam que ele era um liberto que se apaixonara e se casara com a filha de seu antigo senhor. Isto ajuda-nos a entender a liderança demonstrada por Priscila.

Quando os escravos tornavam-se cristãos, passavam a congregar-se com uma nova irmandade - os membros do corpo de Cristo - onde seu *status* social já não tinha qualquer importância. Como Paulo declara: "E vos revestiste do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou, onde não pode haver grego nem judeu, circuncisão, bárbaro, cita, escravos, livre; porém Cristo é tudo em todos" (Cl 3.10,11; 1 Co 12.13; Gl 3.28; Ef 6.8).

Mas enquanto cristão, o escravo tinha de ser uma fiel testemunha, especialmente diante de seu senhor não-salvo, demonstrando a mudança que Cristo operara em sua vida. Tal atitude deveria ser demonstrada quer o amo fosse gentil, ou brutal (1 Pe 2.19).

Num certo sentido, todos podemos aplicar esta regra à nossa própria situação, pois não são muitos os que trabalham em condições ideais. Há falsidade em toda parte do mundo. Mas o nosso relacionamento com Deus deve ser a chave para reagirmos sabiamente aos que nos tratam mal e tiram vantagem ilícitas de nós.

Pedro prossegue (1 Pe 2.20), alertando os escravos a não darem motivos para serem punidos pelos senhores. A fonte da desarmonia, pois, não deve ser as atitudes do crente. Não há glória em se receber açoites em conseqüência das faltas cometidas. Mas, se agirmos corretamente, e, mesmo assim, sofrermos afrontas, não deixaremos de receber o galardão divino.

VI - Seguindo o Exemplo de Cristo

O que Pedro diz a seguir (1 Pe 2.21-25) aplica-se também a todos nós. Embora não sejamos escravos, inexiste sociedade sem diferenças de classes. Diferenças essas que, aliadas à ganância e à cobiça, geraram profundas injustiças. Apesar de todo esse quadro, não fomos chamados a mudar o mundo através de expedientes externos. No meio a tantas dificuldades, nossa missão é levar as almas problemáticas a Ele.

Sem vida cristã não há como se esperar por condições ideais. Sempre ouviremos falar de guerras, rumores de guerras, fome, terremotos. Mas não devemos deixar que nossos corações sejam perturbados, ou que nossas mentes sejam derrotadas por essas coisas. Nossa missão é pregar o Evangelho a todo mundo antes do fim. Jesus fez a obra do Pai em meio a descrença e a oposição. Ele sofreu por nós (1 Pe 2.21), tornou-se maldição por nós (Gl 3.13; Dt 21.22,23). Embora nosso sofrimento não possa ter o mesmo significado que o de Cristo, podemos seguir-lhe o exemplo, compartilhando-lhe as atitudes e propósitos. Ele quer que lhe sigamos os passos bem de perto.

Não havia pecado (1 Pe 2.22) ou falha em Cristo Jesus (1 Pe 2.23). Ao invés de revidar as blasfêmias, ignorava-as. Mesmo na cruz, não fez nenhuma tentativa de se livrar do martírio, nem ameaçou os que o maltratavam. Suas palavras foram: "Pai, perdoa-lhes, porque não sa-

bem o que fazem" (Lc 23.24). Ele manteve-se comprometido consigo mesmo e com sua causa junto ao Pai (Lc 23.46; Gn 18.25).

O julgamento pertence a Deus. Quando tentamos fazê-lo por nossa própria conta, arruinamos nosso testemunho. A vingança é ainda mais perigosa. No início, ela parece justificável e até virtuosa. No final, destrutiva. "A mim me pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor" (Rm 12.19). Quando tentamos agir, não deixamos espaço para Deus operar. A vingança não nos permite dar a razão da esperança que há em nós. Quando Deus age, até o nosso ofensor pode ser ganho para Cristo.

Jesus morreu para que também morrêssemos para os nossos pecados, e vivêssemos tendo a perfeição como nosso fim (1 Pe 2.24). Nossos pecados, que nos traziam o merecido sofrimento, deixavam-nos como ovelhas desgarradas. Mas eles foram todos curados por seus açoites (1 Pe 2.25). "Ele foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados" (Is 53.5). Hoje, não vivemos mais vagando sem destino. Agora temos a Jesus como nosso grande e bom pastor, como bispo de nossas almas.

VII - Relacionamento entre os Cônjuges

O que Pedro acabou de dizer aplica-se de igual forma a maridos e esposas (1 Pe 3.1,7). A maior preocupação continua a ser nosso testemunho cristão. Uma esposa não está preparada a dar seu testemunho ao marido não-salvo até que ela se lhe sujeite, rendendo-lhe o devido amor. Paulo compara semelhante atitude à submissão da Igreja a Cristo (Ef 5.22-24), e indica que esta é a maneira de a esposa demonstrar que "está no Senhor" (Cl 3.18). Se a esposa não o fizer, pode fazer com que a Palavra de Deus seja difamada (Tt 2.3-5).

Ainda que esse ensinamento não seja muito popular hoje em dia, é sumamente eficaz. Se a esposa não agir exatamente assim, jamais ganhará o marido para Cristo. De nada lhe adiantará falar-lhe de Jesus, se não lhe for submissa. Ela não pode também fazer da Bíblia um porrete. Ou seja: falar da Bíblia sem parar, e não agir como a Bíblia recomenda.

O testemunho de uma esposa torna-se efetivo (1 Pe 3.2) quando o marido presencia-lhe o comportamento casto combinado com o temor de Deus. Ela tem de se destacar das esposas não-salvas, não dando ênfase excessiva aos adornos, penteados, jóias e roupas extravagantes. O que ajudará as mulheres a ganhar seus maridos é a vida íntima, "o homem interior do coração" (1 Pe 3.4). O que faz a diferença não são as roupas, mas o adorno imperecível de um espírito meigo e tranqüilo, que acaba com as rixas, ressentimentos, brigas e bulhas.

O que a Bíblia registra das heroínas do Antigo Testamento confirma o que estamos dizendo (1 Pe 3.5). As santas mulheres, dedicadas a Deus e que punham a esperança no Senhor, deixaram um exemplo de submissão e fiel obediência a seus maridos. Sara tratava Abraão por senhor (Gn 18.12). As esposas cristãs tornam-se suas filhas na fé quando lhe seguem o exemplo. Quanto às esposas de maridos não-salvos, devem ter prazer em satisfazer-lhes as necessidades (inclusive as físicas e sexuais) e continuar vivendo sossegadamente, sem medo de perder o controle de si próprias, mesmo se os maridos as ameaçarem por causa de seu amor a Cristo.

VIII - Maridos Cristãos

Os maridos cristãos (1 Pe 3.7) também precisam de um pouco de conselho. As coisas ditas a respeito das atitudes dos escravos e esposas cristãos também aplicam-se a eles. Barulhentos, exigentes e dominadores, preci-

sam eles aprender a se controlarem e a desenvolver a mesma meiguice e espírito tranqüilo recomendados às esposas.

As mulheres não são as únicas que devem ser meigas e altruístas - mais preocupadas com o Senhor e com os outros do que consigo mesmas. Moisés era reconhecido pelo Senhor por sua mansidão (Nm 12.13). É claro que não era uma mansidão piegas. Quando necessário, erguia-se pelo Senhor como homem destemido. Mas quando tinha de defender-se a si próprio, entregava-se ao Senhor. Estava sempre pronto a entregar-se pelos outros para salvá-los do juízo (Êx 32.30-33). Jesus também era manso e humilde de coração (Mt 11.29). Ele chegou, não como conquistador orgulhoso, mas como um rei manso e humilde, trazendo a salvação a todos os homens (Mt 21.5; Zc 9.9).

Por conseguinte, os maridos devem demonstrar um espírito semelhante ao de Cristo, se quiserem, de fato, ganhar suas esposas para o Senhor.

Parece que não era muito comum o marido cristão ter esposa não-salvas. Por isto Pedro prossegue (1 Pe 3.7) a exortá-los a viver a vida conjugal com discernimento. Eles devem viver de conformidade com os ensinamentos que Deus deixou para o casamento.

Tampouco deve o marido procurar a solução no divórcio, a menos que a esposa seja irremediavelmente imoral. Se ela não for cristã, ensina Paulo, mas consentir em viver com ele, este não deve abandoná-la (Veja Mt 5.31; 19.5-7; 1 Co 7.10-16). Paulo ensina que o marido deve amar a esposa como Cristo amou a Igreja, e por ela se entregou. Isto significa amar a esposa como o próprio corpo, alimentando-a com carinho, procurando enaltecê-la no Senhor (Ef 5.25,28,29,31,33). Mesmo naquilo em que ela não o agradar, ele deve mostrar-se tolerante e agir sempre com amor (Cl 3.19).

O marido também não (1 Pe 3.7) deve tirar vantagem da esposa por ser ela a parte mais frágil. Em lugar de mostrar atitude dominadora, que ele lhe renda a devida honra. O marido tem de reconhecer que, na visão de Deus, não há diferenças entre marido e mulher. Ambos são igualmente herdeiros nos dons, na graça e na vida eterna.

O marido que desrespeitar, ou ignorar a esposa, e tentar servir a Deus de maneira egoística, sentirá que suas orações estão impedidas (literalmente bloqueadas). Como ambos fazem parte do corpo de Cristo, os cônjuges devem aprender a servir a Deus em equipe. A Bíblia usa a figura de um jugo para ilustrar o casamento (2 Co 6.14), pois tanto este como aquele pode ser ajustado para dar mais força a cada um.

Embora os cônjuges não precisem fazer exatamente as mesmas coisas, suas responsabilidades têm de estar ajustadas a seus desejos e habilidades. Similarmente, nosso relacionamento com Cristo é comparado a um jugo leve, fácil, porque Ele o ajusta de tal forma para que lhe caiba o lado mais pesado (Mt 11.28-30). A Bíblia é clara. Deus não pode abençoar o marido cristão, se este não dispensar à esposa o tipo de amor conforme recomenda a Palavra de Deus.

IX - Convite a Uma Vida Plena

Pedro conclui esta parte, exortando-nos a mostrar (1 Pe 3.8) espírito de compaixão uns com os outros, amando-nos como irmãos, sendo piedosos, cortezes, sem a pretensão de exaltar-se sobre os demais. Mesmo quando nos magoarem, não retribuamos o mal com o mal. Façamos do abençoar um hábito (1 Pe 3.9). Isto manterá em nossas mentes a promessa que Deus fez a Abraão (Gn 12.2). Na qualidade de herdeiros da mesma promessa, temos de fazer as obras de Abraão (Gl 3.29; Tm 2.14-23). Como alguém já

disse, Deus não nos consola para que nos sintamos consolados, mas para que consolemos o próximo. Ele não nos abençoa apenas para que sejamos abençoados, mas para que sejamos canais de suas bênçãos.

Finalmente (1 Pe 3.10-12), citando o Salmo 34.12-16, Pedro recorda-nos que, se quisermos ver dias felizes, deixemos de falar coisas frívolas. Tais coisas são como ácido: corroem-nos as almas. Temos de fugir do mal. Como Jó (1.1,8), agrademos a Deus. Alguns crentes deixam-se entreter pela tentação. Pensam tanto nela que acabam por se confundir com ela. Aquele que foge do mal, sai do caminho quando vê a tentação aproximar-se. Mais que isto. Empreende esforços na prática do bem. Faz desta atitude o firme propósito de procurar a paz. Ele não se limita a orar; concentra todas as forças neste fim.

4

Alegria na Dor

1 Pedro 3.13-4.19

Uma das questões que mais atormentam o ser humano é: "Por que os justos sofrem?" Embora se esforcem, os homens não conseguem uma resposta satisfatória. Nessa mesma linha de pensamento, somos levados a perguntar também: "Por que deu tudo errado, se procurei fazer a coisa certa?"

Jó tentou certa vez encontrar uma resposta (veja Jó 1.9,11; 2.4,5; 13.15,16; 19.25-27). Mas ao invés de lhe dar uma resposta clara, Deus limitou-se a mostrar-lhe os mistérios da natureza (Jó 38-41). Apesar de não entender tais coisas, o patriarca teve de aceitar integralmente a soberania divina. Afinal, o Senhor tem o domínio, não só das coisas naturais, como também das espirituais.

Habacuque também não pôde compreender como o Deus santo utilizava-se dos perversos caldeus para punir os israelitas, que eram mais justos que aqueles (Hc 1.13). No final, o profeta teve de aprender que o justo deve viver pela sua fé. Através da própria experiência, chegou à conclusão: ainda que fossem destruídos todos os bens

materiais, ele haveria de regozijar-se no Deus de sua salvação. Enquanto tivesse o Senhor por sua força, possuiria o bastante. Deus ainda o faria correr alegremente como a corça, e andar altaneiramente (Hc 2.4; 3.17-19).

I - Um Princípio Geral

Antes que Pedro trate mais profundamente o assunto, ele se refere a um princípio geral: "E qual é aquele que vos fará mal, se fordes zelosos do bem?" (1 Pe 3.13). Noutras palavras, o cristão não precisa desenvolver um complexo de perseguição. Não precisa estar à espera de que as pessoas o maltratem, e dele tirem vantagem. Assim vivem aliás, certos grupos minoritários.

Após estabelecer esse princípio geral, Pedro passa a tratar do sofrimento em relação ao nosso testemunho (1 Pe 3.14-16). Fala também a respeito dos sofrimentos de Cristo (1 Pe 3.17-4.2), e do juízo de Deus (1 Pe 4.3-9).

II - A Dor em Relação a Nosso Testemunho

Realmente, o sofrimento ocasionado em virtude de uma vida piedosa é uma raridade à maioria de nós. Não era diferente nos dias de Pedro. Mesmo durante o segundo e o terceiro séculos da história da igreja, havia momentos de calma em que a Igreja crescia sem quaisquer perturbações. Inclusive havia autoridades romanas que nem sempre seguiam à risca as ordens do imperador no sentido de se perseguir os servos de Cristo. O mesmo acontece hoje nos países islâmicos e totalitários.

Se sofremos por causa do Senhor, diz Pedro, devemos considerar-nos felizes, por ser tal coisa um grande privilégio. Não foi o que afirmou Jesus no Sermão da Montanha? Os perseguidos em virtude de sua justiça são bem-aventurados; deles é o Reino dos Céus. Se nos caluniarem por causa de seu nome, acrescenta Jesus, devemos

rejubilar-nos, "pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós" (Mt 5.10-12).

Não podemos nos amedrontar com o que os inimigos de Cristo poderiam fazer conosco. Devemos antes santificar o Senhor Deus em nossos corações (1 Pe 3.15). No original grego, isto quer dizer: "Dê a Ele seu próprio lugar como Senhor e Mestre de seu ser". Portanto, ao invés de ser dominado pelo medo, você será dirigido por Cristo. Você estará sempre preparado a responder aos que perdem a razão da esperança que há em sua alma (1 Pe 3.15).

III - A Defesa de Nossa Esperança

Esta resposta, ou defesa, pode ser usada nos tribunais. Haja vista o que ocorreu com Pedro e João ao serem trazidos diante do Sinédrio. Aqui, os líderes judaicos ficaram surpresos com a liberdade que os apóstolos falavam sobre a fé em Jesus (At 4.5-13). O mesmo aconteceu com Paulo ao depor diante do Rei Agripa. Este chegou a maravilhar-se ao descobrir que Paulo não tentara defender-se. O apóstolo limitou-se a prestar da esperança que nele habitava (At 26.1-29).

Esta é a razão pela qual Jesus recomendou aos discípulos que, ao serem levados aos magistrados e poderosos, nada temessem, "porque o Espírito Santo vos ensinará, naquela mesma hora, as cousas que deveis dizer" (veja Lc 12.11,12). Se tivessem de pensar acerca de sua defesa, certamente se embaraçariam. Mas se estivessem sempre preparados para testificar acerca de sua esperança, o Espírito Santo os instruiria em todas as coisas. O resultado seria um poderoso testemunho acerca de nossa grande salvação que receberemos quando Jesus voltar.

Neste contexto, Pedro não pode estar enfatizando o que temos de dizer nos tribunais ou diante dos juízes. Seu ensino parece aplicar-se mais àquelas abordagens que

sofremos em casa, na rua, no trabalho, no super-mercado ou onde quer que tenhamos contato com incrédulos.

Estar preparado não significa munir-se daquela ousadia que pode ser confundida com orgulho ou arrogância. Longe disso! A demonstração de nossa esperança há de ser apresentada com mansidão e temor.

Estar preparado é achar-se também munido de uma boa consciência (1 Pe 3.16). A consciência má gera medo e covardia em nossos corações quando temos de testemunhar de Cristo. A culpa afasta-nos do Senhor e da ajuda do Espírito Santo, tornando-nos o testemunho ineficaz. A boa consciência, porém, lavada de toda iniqüidade através de uma confissão aberta ao Senhor (1 Jo 1.9), ajuda-nos a prestar um testemunho eficaz apesar das circunstâncias adversas.

O cristão não pode estar cometendo constantemente os mesmos pecados e faltas, para em seguida confessá-los. A boa consciência é mantida através de uma vida realmente vivida em Cristo. Ela nos ajudará quando tivermos de enfrentar os que falam mal de nós. Pedro parece ter em mente o que ele já disse nos capítulos 2.23 e 3.9 a respeito de não se pagar o mal com o mal. A boa consciência sempre há de sair vencedora. No final, os que nos acusam falsamente, serão expostos à vergonha, e atirados na mais profunda confusão.

IV - Nosso Sofrimento em Relação aos de Cristo

Embora não tenhamos de esperar pela perseguição, se ela acontecer, e se for da vontade de Deus que soframos, é melhor que padeçamos fazendo o bem (1 Pe 3.17). Tudo o que Jesus sofreu por nós (1 Pe 3.18) comprova a validade desse princípio.

Ele sofreu e morreu, uma vez por todas, não por haver cometido qualquer delito, mas para que fôssemos resga-

tados de nossos pecados. Verdadeiramente justo, tornou-se nosso substituto. Tomou nosso lugar, sofrendo a morte que nos estava reservada. Ele o fez para obter o nosso perdão, para levar-nos a Deus.

O sangue do cordeiro pascal, imolado no Egito, protegeu Israel do anjo da morte. Mas o propósito divino não era apenas salvá-los da morte ou do Egito. Chegando Israel ao Sinai, afirmou Jeová: "Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia". Asas de águia são uma figura de retórica, demonstrando que os israelitas não tiveram de caminhar sobre o mar Vermelho. Deus fez tudo isto, não apenas para levar os israelitas ao Sinai, ou mesmo à Terra Prometida, mas para trazê-los a si (Êx 19.4).

Esta sempre foi a preocupação de Deus em todos os seus atos de redenção. Quando Abraão viu-se obrigado a enfrentar os quatro reis do Leste, o Senhor o animou com estas palavras: "Não temas (deixe de ter medo), Abraão, eu sou o teu escudo e teu galardão" (Gn 15.1) Noutras palavras: "Preocupa-te comigo!" Deus era tudo de que Abraão precisava.

Os sacrifícios da lei também eram oferecidos para ajudar os pecadores a se voltarem a Deus. O que Deus queria não eram os sacrifícios em si, como indaga Miquéias: "Agradar-se-á o Senhor de milhares de carneiros? de dez mil ribeiros de azeite? darei o meu primogênito pela minha transgressão? (isto seria multiplicar os sacrifícios *ad infinitum*?) o fruto do meu corpo pelo pecado de minha alma? (isto é, irei eu aos extremos pagãos?) Ele te declarou, ó homem o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?" (Mq 6.7,8). Oséias também discorre sobre a misericórdia: "Pois misericórdia quero, e não sacrifício; e o conhecimento de Deus mais do que holocausto" (Os 6.6).

Trazer-nos a Deus custou alto preço, mas também redundou em grande vitória. Cristo padeceu e morreu (1 Pe 3.18) por nós, mas o Espírito o ressuscitou dentre os mortos. Uma vez que há contraste entre carne e espírito, há os que acham que Pedro está contrastando o corpo mortal com o corpo transformado, como o faz Paulo (1 Co 15.44). Parece, todavia, que Pedro está se referindo ao Espírito Santo.

V - O Triunfo de Cristo é Anunciado

Pedro retoma o raciocínio do sofrimento de Cristo em (1 Pe 4.1), para enfatizar a grandeza de sua vitória. O trecho de (1 Pe 3.19-3.22) é muito controvertido, e os comentaristas apresentam uma série de interpretações. Uma coisa, porém, está clara: os inimigos de Jesus esperavam que sua morte pusesse fim às suas atividades, mas aconteceu exatamente o contrário. Elas expandiram-se e aumentaram em todos os campos. Hoje, acha-se Ele num lugar de maior poder e autoridade.

Alguns tomam 1 Pedro 3.19 para alegar que, pelo mesmo Espírito Santo que o ressuscitou dos mortos, foi Jesus quem realmente pregou, quando Noé pregava ao povo antes do Dilúvio. Povo esse que pereceu nas águas e, que agora, são espíritos em prisão, aguardando o Dia do Juízo. O sofrimento de Deus refere-se aos 120 anos durante os quais o Espírito Santo lutou com os homens para que se arrependessem (Gn 6.3).

Outros sugerem que, quando Jesus diz: "Pai, nas tuas mãos entrego meu espírito" (Lc 23.36), o Pai lhe confiava uma missão especial. Em espírito, Ele foi ao Hades para visitar os espíritos aprisionados, e anunciar-lhes algo importante. A palavra grega é usada aqui para um arauto; aquele que proclama alguma coisa. Muitos, em vista de 2 Pedro 2.4,5 e Judas 6, tomam os espíritos aprisionados como anjos caídos, e crêem que, o que Jesus fez, foi

"uma proclamação triunfante" de que o poder de Satanás e sua corte haviam sido destruídos.

Outras especulações são acrescentadas. Dizem, por exemplo, que Jesus pregou o evangelho aos que se encontravam no inferno, proporcionando-lhes uma segunda oportunidade de salvação. É uma tentativa de se justificar a falsa doutrina do purgatório. Na Bíblia não há terreno para tal ensino. A Palavra de Deus declara que, após a morte, vem o juízo (Hb 9.27). Nossos sofrimentos não são suficientes para nos garantir a salvação.

Devemos considerar que, aqui, a Bíblia está apenas sugerindo algo que ainda não entendemos completamente. Através dos tempos, os teólogos vêm lutando com este trecho que continua encoberto pelo mistério. Talvez seja melhor deixá-lo assim mesmo. Nossa salvação não depende de sua interpretação. De qualquer forma, essa passagem reflete o triunfo de Cristo. Não há controvérsias a este respeito.

VI - O Triunfo de Cristo Retratado

A comparação entre a arca de Noé e o batismo nas águas (1 Pe 3.20,21) é, de certa forma, controvertida. Ela dá a entender que, agora, "o batismo também nos salva", significando que o batismo nas águas é um meio de salvação ou o canal da graça à salvação. No entanto, isto não combina com a afirmação bíblica de que "pela graça sois salvos mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus" (Ef 2.8). Tal ilação também não combina com esta declaração de Paulo: "Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa a respeito da salvação" (Rm 10.9,10).

Uma análise mais minuciosa desta comparação de Pedro, demonstra apenas o fato de que Noé venceu o

Dilúvio pela fé que possuía nos meios de salvação proporcionados por Deus. Por isso, obedeceu e entrou na arca. Conclui-se, pois, que o Senhor Jesus é a arca de nossa salvação. Com Ele morremos; com Ele também renascemos para uma nova vida. O batismo nas águas é uma figura dessa identificação (Rm 6.3,4). Embora as águas do batismo não possam nos lavar dos pecados da carne, elas, à semelhança das águas do dilúvio, são um testemunho de que a nossa consciência já foi completamente lavada pela fé no momento em que recebemos a Cristo antes mesmo do ato batismal.

Temos de entender de maneira semelhante o que Pedro afirmou no Dia de Pentecoste: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados" (At 2.38). Ele não está dizendo que o batismo nas águas possa resultar na remissão e perdão dos pecados. A palavra "para" é a mesma palavra em Mateus 3.11: "Eu vos batizo com água *para* arrependimento." João não via o seu batismo como forma de gerar arrependimento. Na realidade, ao ver os fariseus e os saduceus se aproximarem do Jordão, ele os desafiou a produzir frutos dignos de arrependimento (Mt 3.8). Noutras palavras, eles deveriam se arrepender primeiro antes de passarem pelas águas.

O batismo de João era ministrado "por causa do" arrependimento. Assim, Atos 2.38 deve ser traduzido como "por causa da remissão dos pecados". Anteriormente Pedro já havia proclamado: "E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (At 2.21). Desta forma, o batismo nas águas tornou-se um testemunho de que eles, de fato, haviam apelado ao Senhor e já estavam realmente salvos. Marcos 16.16 também dá uma declaração muito geral. O crente batizado será salvo, ao passo que o incrédulo será condenado no Juízo Final. Paulo deixa bem claro também que não é o

batismo nas águas que nos integra ao corpo de Cristo. Antes, é o Espírito Santo que, como agente de Deus, imerge-nos nesse mesmo corpo (1 Co 12.13).

VII - O Triunfo de Cristo Demonstrado

Pedro continua (1 Pe 3.21) lembrando-nos de que temos esta salvação e boa consciência através da ressurreição de Jesus. Quando, no ato do batismo, nos levantamos, testemunhamos sua ressurreição - o selo de Deus comprovando o sacrifício vicário de Cristo. Eis a nossa certeza: Ele vive, nós também viveremos (Jo 14.19).

O triunfo da ressurreição de Cristo, porém, não se completou até sua ascensão à destra de Deus. A plenitude de sua glória não havia sido restabelecida até então. Além do mais, os discípulos não teriam suportado a completa manifestação de sua glória, caso Ele a tivesse mostrado nas aparições entre a ressurreição e a ascensão. Haja vista os efeitos da aparição de Cristo a Saulo na estrada de Damasco (At 26.13; 9.3).

Ao ser assunto aos céus, Jesus teve não apenas sua glória restaurada, como também foi investido da mais alta autoridade. Sim, como Ele se havia humilhado à vergonhosa morte na cruz, "Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai" (Fp 2.8-11). Sua plenitude há de ser vista no fim dos tempos; agora, acha-se a exercer sua autoridade nos céus (Hb 10.12,13). Sob sua vontade estão os anjos, principados e poderes celestiais.

VIII - Compartilhando do Sofrimento de Cristo

Com o quarto capítulo, Pedro volta a falar acerca da necessidade de nos identificarmos com Cristo em seus

sofrimentos. Seu padecimento físico foi real; não se limitou ao Calvário; Ele sofreu durante todo o seu ministério. No deserto da Judéia, o diabo tentou quebrar a identificação de Cristo conosco. Houvesse o Senhor Jesus transformado as pedras em pães, teria usado seu poder para minorar o próprio sofrimento. O mesmo se pode dizer quanto à sede ou à dor. Houvesse Jesus agido conforme lhe havia insinuado o tentador, seus sofrimentos no Calvário já não teriam sentido. Ele jamais teria se tornado o Sumo Sacerdote compreensivo que tanto precisamos (Hb 4.15).

Armemo-nos, pois, com os mesmos pensamentos de Cristo. Isto significa não apenas compartilhar seus sofrimentos, mas também os reais propósitos de seus sofrimentos. Nesse mesmo sentido, escreve o autor da Epístola aos Hebreus: "Desembaraçando-nos de todo peso, e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o autor e consumador da fé, Jesus, o qual em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. Considerai, pois, atentamente aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossas almas (Hb 12.1-3).

Maior estímulo temos nós. À proporção que sofremos com Cristo, mantendo nossas consciências puras, descobrimos que temos uma nova vitória sobre o pecado. Não vai aqui nenhum pensamento de que o sofrimento limpa-nos de nossos pecados. Apenas o sangue de Jesus pode fazê-lo (1 Jo 1.7; 2.2). Mas a determinação de fazer a vontade de Deus leva-nos, através do sofrimento, a romper com o pecado, de maneira que este deixe de ser um hábito em nossas vidas.

Os leitores de Pedro precisavam desta exortação. Como gentios, haviam feito de tudo para evitar o sofrimento. Haviam procurado viver para satisfazer as concupiscências da carne, como se isto fosse o supremo alvo da vida. Agiam como muitos hoje: tudo em prol do próprio conforto, prazer e segurança.

Os homens que se distanciam de Deus, fazem do ego o centro de suas vidas (Rm 1.19-21). Do quarto século a.C., quando Aristóteles tentou provar que a terra não se movia, e que tudo o mais movia-se a seu redor, até a descoberta das luas ao redor de Júpiter (cerca de 1610 d.C;), o mundo científico acreditava ser realmente a terra o centro do Universo. Sustentavam tal teoria com provas que pareciam indisputáveis. Embora alguns gregos antes da era cristã houvessem chegado à conclusão de que era a terra que girava em torno do sol, o erro cristalizava-se. Mas a invenção do telescópio mudou tudo. Quanto às coisas espirituais, continuaram estagnadas.

A maioria das pessoas, educadas ou não, faz do ego o centro de suas vidas por não haver atinado ainda com a grandeza de Deus. Dele, somos todos dependentes. O mundo precisa saber que "o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar" e "porque os que se inclinam para a carne cogitam das cousas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das cousas do Espírito, para a vida e paz" (Rm 8.7; 5,6).

É imprescindível que tenhamos diante de nós o fato de que Cristo não se consolou ou cuidou de si mesmo. Ele tomou o caminho mais difícil; sofreu muito por nós; seguiu até o Calvário para cumprir a vontade do Pai.

Em diferentes épocas da história da igreja, alguns cristãos tomaram essa recomendação como um apelo ao martírio. Durante as perseguições, tudo faziam para que os inimigos de Cristo os executassem. Mas a Bíblia não

encoraja a morte por Jesus tanto quanto viver por Ele. Pedro não concita ninguém ao martírio. Ele está apenas mostrando que, se realmente pretendemos fazer a vontade de Deus, devemos nos armar - ou como diz Moffat, temos de nos animar - a passar o resto de nossas vidas fazendo a vontade de Deus, não importa a que custo. Para o jovem, isto pode significar ser desprezado pelo grupo dominante na escola, ou ser perseguido pelos líderes sociais. Para o homem de negócios, significa fracasso na conquista de uma posição desejada, ou a perda do emprego.

Devemos considerar que, qualquer que seja nossa situação, ou posição na vida, Deus nos colocou onde melhor podemos cumprir-lhe a vontade. Pode haver, como no caso de Ester, tempos em que esse custo parecerá alto. Todavia, ousemos reafirmar como a corajosa rainha: "Se perecer, pereci" (Et 4.16). Haverá tempos em que o único caminho à libertação será o da transigência, como aconteceu aos três jovens hebreus jogados na fornalha de fogo ardente. Mas de igual modo, proclamemos: "Se nosso Deus a quem servimos, quer livrar-nos, Ele nos livrará da fornalha de fogo ardente, e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste (Dn 3.17,18).

IX - Sofrimento em Relação ao Juízo

Para ter certeza de que os leitores estão entendendo a sua mensagem concernente aos desejos humanos que vão contra a vontade de Deus, Pedro (1 Pe 4.3) prossegue especificando as coisas que anteriormente eles haviam feito - a vontade dos gentios. Os idólatras daqueles dias eram caracterizados pela busca apaixonada do prazer. Sua indulgência era indecente, exagerada e desavergonhada. Eram estimulados em seu desregramento, não apenas pelo vinho, mas pela religião e pela sociedade como um todo.

Andavam em lascívia (sensualidade e conduta indecente), luxúria (desejos carnais desenfreados), bebedice, orgias, banquetes (festas regadas a vinho, normalmente ligadas a ritos pagãos e à imoralidade dos cultos orientais), idolatrias abomináveis (atos libertinos ligadas aos ritos pagãos). Agora, porém, são servos de Cristo. Por longo tempo, haviam servido ao mundo; que andem agora em novidade de vida. Que dêem meia-volta, que rompam totalmente com os hábitos e desejos antigos.

É difícil não chamar a atenção sobre nós mesmos quando somos diferentes. Certos animais produzem uma coloração protetora pela qual integram-se ao ambiente. O urso mistura-se à luz e às sombras da floresta. Mas o Senhor não sofreu e morreu para que passássemos pela vida apenas refletindo as maneiras e o estilo do mundo. "Todos fazem assim!" É a resposta do crente fraco. Mas Jesus veio para trazer divisão, espada e conflitos (Mt 10.34; Lc 12.51). Na vida moderna, as maiores conquistas da ciência parecem dar aos materialistas, loucos por dinheiro, as mais sedutoras maneiras de apresentar o pecado. Torna-se necessário, pois, traçarmos uma linha de separação entre a vontade de Deus e a vontade do mundo.

X - Um Mundo Surpreendido e Ressentido

Tornando nosso objetivo cumprir a vontade de Deus, devemos esperar uma reação desfavorável dos antigos amigos e parceiros (1 Pe 4.4). Quando os pagãos dos dias de Pedro viram os cristãos se recusarem a desperdiçar tempo, força e dinheiro, com os prazeres do mundo, de início, acharam estranho - ficaram genuinamente surpresos. Mas era mais do que surpresa. O original grego encerra que eles ficaram desapontados. Isto gerou neles ressentimento. E, conseqüentemente, começaram a falar mal dos cristãos; blasfemavam contra estes e contra seu

Deus. Insultavam os cristãos como se eles fossem desmancha-prazeres; taxavam-nos de desagradáveis, antisociais. Eles inclusive amaldiçoavam o tipo de Deus que exigia de seus seguidores o radical rompimento com o modo de vida pagão.

Não temos que nos aborrecer com este tipo de crítica, pois um dia teremos de prestar contas ao Deus que está pronto e preparado a julgar os vivos e os mortos. Na realidade, é preferível encarar o abuso, o ressentimento e as críticas humanas agora do que enfrentar o julgamento de Deus. No dia do juízo, os mundanos hão de ver seus falsos padrões, filosofias e desculpas, caírem por terra. A morte não os colocará fora do alcance do juízo. Nem porá fim ao companheirismo e bênçãos daqueles que vivem para Deus.

XI - Uma Razão para Pregar o Evangelho

A inevitabilidade do juízo também é uma importante razão para pregarmos o Evangelho (1 Pe 4.6). Vejamos o que Paulo diz aos filósofos em Atenas: "Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos" (At 17.30,31). Cristo, obviamente, é aquEle a quem Deus apontou para executar juízo verdadeiro: "E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo o julgamento" (Jo 5.22). Levado a efeito através de Cristo o julgamento será efetuado de acordo com os princípios do Evangelho (Rm 2.16). "Dará a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade. E haverá ira e indignação aos facciosos que desobedecem à verdade, e obedecem à injustiça, e ainda tribulação e angústia virão sobre a alma de

qualquer homem que faz o mal, pois, para com Deus não há acepção de pessoas" (Rm 2.7-11).

Esta passagem (1 Pe 4.6) é também muito controvertida. Alguns estudiosos acham que Pedro está falando a respeito da pregação do Evangelho àqueles que se acham espiritualmente mortos. Os tais serão julgados como homens por causa da natureza mortal de seus corpos, mas continuarão vivendo de acordo com Deus porque têm vida eterna. A maioria dos escritores, de Agostinho a Martinho Lutero, defenderam este ponto de vista.

Outros, em vista de 1 Pedro 4.5, tomam a referência como sendo aos que estavam fisicamente mortos ao tempo em que Pedro escrevia sua epístola. Isto está ligado ao fato de que, mortos, aguardavam o arrebatamento. Os cristãos de Tessalônica haviam sido confundidos por falsos mestres que ensinavam: os que morreram antes do arrebatamento perderiam parte da glória da volta de Cristo. Todavia, Paulo entra em cena para deixar claro que, os que estiverem vivos por ocasião da volta de Jesus, não irão de forma alguma impedir (preceder, ficar na frente, ter qualquer vantagem) os que já morreram. "Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor isto: nós, os vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro, não até que os que ainda estão vivos sejam levados. Então, unidos em um só corpo, serão arrebatados juntos para o grande encontro com o Senhor nos ares" (1 Ts 4.15-17).

Outros escritores acham ainda que, entre esses mortos (1 Pe 4.6), encontram-se todos os que morreram antes do Calvário. Outros há, e aqui está incluído um grande número de escritores atuais, que identificam os tais mortos

com os que pereceram no Dilúvio. Esses estudiosos ligam a presente passagem com 1 Pedro 3.19 e com a descida de Cristo ao Hades. Temos de ter cuidado, pois, para não supormos que a Bíblia prega uma segunda oportunidade de salvação depois da morte (veja Hb 9.27; Lc 16.25,26).

Outra razão muito importante para o cristão romper com os padrões e excessos do mundo é que o fim de todas as coisas já está próximo (1 Pe 4.7). Assim como o mundo natural jamais quis aceitar a idéia de um começo real (o pagão sempre pintou um mundo criado a partir de algo que já existia), o homem sem Deus continua a recusar a idéia de um fim. Os primeiros três capítulos de Gênesis e os últimos três do Apocalipse são provavelmente os mais impopulares da Bíblia, e provavelmente os mais odiados pelo diabo.

O mesmo Deus que trouxe o Universo à existência, trá-lo-á ao fim. Como já havia antecipado Daniel, primeiro tem de haver a total destruição do mundo atual e de seu sistema para que seja implantado o reino milenar de Cristo (Dn 2.34,35,44,45). Como também veremos no último capítulo, Pedro aponta à completa dissolução do mundo material para que outro seja criado - os novos céus e terra "nos quais habita a justiça" (2 Pe 3.10,12-14). Que tolice, portanto, procurar um modo de vida que já está condenado.

XII - As Exigências Práticas do Evangelho

Pedro utiliza-se da certeza de um fim que se aproxima para desafiar-nos a ser sóbrios - sensíveis, sérios, sãos, mantendo a cabeça no lugar. Temos de reconhecer a seriedade básica da vida à luz do plano de Deus. Não há lugar na vida dos cristãos à frivolidade - cabeças vazias. Em lugar da complacência de um lado, ou do sensacionalismo de outro, devemos vigiar e orar, não permitindo

que nada impeça nossa comunhão com Deus. Jesus já havia nos advertido de como as tentações, os cuidados desta vida, a falsidade das riquezas e a displicência em não cavar mais fundo, podem fazer com que a Palavra não crie raízes e dê frutos em nossa vida. Tais coisas impedem a oração; levam-nos a tratar com leviandade o tempo em que o Senhor voltará (Mc 13.33).

Passar todo o tempo em oração não será suficiente para nos preparar à vinda do Senhor. A oração é importante, mas tem de ser acompanhada por uma "ardente caridade" de uns para com os outros. "Ardente" significa "constante, firme". A caridade na Bíblia é um amor elevado, santo, despreendido que, por si só, exprime ações de gentileza, misericórdia e compaixão, especialmente àqueles de quem não gostamos e que não merecem a nossa afeição. No grego é traduzida pela palavra *agape* - o amor melhor que Deus nos confiou "pelo fato de ter Cristo morrido, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.8). Às nossas orações, pois, temos de acrescentar a obediência do amor. À nossa fé, as obras de amor.

Este amor, ou caridade, encobrirá (perdoará de novo e de novo) a multidão de pecados que alguém possa ter cometido contra nós. Ele manterá a unidade dos crentes ao encobrir e perdoar ofensas que, de outro modo, dividiriam a igreja. Restaurará a harmonia por um espírito que perdoa sem limite, e que depois esquece a ofensa. Este era o tipo de perdão que Jesus tinha em mente quando respondeu à pergunta de Pedro, quando este supôs que perdoar sete vezes seria mais do que suficiente. A resposta de Jesus de que ele deveria perdoar ao ofensor até setenta vezes, não significa o estabelecimento de um limite, mas mostra que o amor que perdoa, sempre perdoa, não importa com que freqüência seja provado (Mt 18.21,22; 6.14,15; Mc 11.25,26; Sl 32.1).

Pedro também esperava que este mesmo amor fosse demonstrado na hospitalidade, especialmente dos que traziam o Evangelho (1 Pe 4.9); uma hospitalidade sem rancor ou indisposição. Naqueles dias, as atividades de obreiros como Paulo e Pedro, por exemplo, dependiam muito da hospitalidade daqueles que já haviam aceitado a mensagem de Cristo. As hospedarias eram escassas, caras, imorais e, não raro, perigosas (Rm 12.13; Hb 13.1,2).

A hospitalidade aos crentes que estavam de passagem era, desta forma, uma experiência enriquecedora. Era uma expressão de caridade ou amor ao Calvário. Além disto, alguns acolhiam (e acolhem), em suas casas, anjos sem o saber (Hb 13.2; Gn 18.1,2; 19.1,2).

Mostremos a mesma atitude quando missionários visitarem nossa igreja em busca de oferta e apoio à obra de Deus em terras distantes. Dificilmente passa-se uma semana sem que nossa atenção seja despertada para alguma necessidade: evangelização, construção de templos, escolas e hospitais evangélicos, preparação de obreiros etc. Uma necessidade urgente certamente levar-nos-á a consagrar, de boa mente, ao Reino, o que temos recebido de Deus. De que outra forma poderíamos dizer que conhecemos o amor de Cristo?

A hospitalidade cristã acha-se, hoje em dia, em questão. A situação que experimentamos hoje é bem diversa daquela vivida nos dias de Pedro. Por isso temos de estar alertas para que nossas casas tornem-se, realmente, motivo de bênçãos aos demais. Certa vez tive oportunidade de presenciar quão frutífero tornou-se um ministério desenvolvido na prisão. Através deste, muitos detentos puderam achar a Cristo. Tal ministério redundou ainda na salvação das famílias dos presidiários. A obra de Deus foi feita através da hospitalidade.

XIII - Administradores da Graça e dos Dons de Deus

A perspectiva de um fim próximo encoraja-nos também a ser bons administradores da graça divina. Para fazermos a obra de Deus, e conceder-lhe toda a glória, necessitamos de toda a gama de dons e graças que procedem de Deus através do Espírito Santo (1 Pe 4.10). Pedro diz que todos os salvos dispõem de um dom divino. Como seus leitores haviam recebido tais dons, deveriam administrá-los com sabedoria; jamais em benefício próprio como se fossem propriedade particular. Conforme se lê em 1 Coríntios 12, os dons nos são concedidos para a edificação da igreja local. Se realmente desejamos chegar à unidade da fé e à perfeição, temos de saber administrar os dons que temos recebido de Cristo (Ef 4.13,16).

Disso, conclui-se que, em tudo que falamos ao Senhor e aos irmãos, temos de usar a Palavra de Deus como modelo e guia. Esta é uma das grandes evidências do verdadeiro reavivamento. Os cristãos deixam de falar sobre outras coisas e passam a se ocupar mais da Palavra, e a respeito das coisas maravilhosas que o Senhor está fazendo.

Quando Pedro diz: "Se alguém ministra, faça-o de acordo com o poder que Deus lhe deu", ele provavelmente não estava se referindo à forma como se ministra hoje. "Ministrar" aqui significa servir; refere-se ao trabalho feito pelos diáconos. Refere-se também ao dar e à demonstração da misericórdia. Qualquer que seja o dom que recebamos, devemos aceitá-lo em confiança, para que, como administradores, possamos ministrar ao corpo de Cristo como humildes servidores da Igreja.

A palavra "administrador" também significa: um escravo que age como um gerente comercial a mando de um amo. Portanto, todos os dons que recebemos pertencem a Cristo; são a expressão da diversificação de sua multiforme graça.

XIV - A Provação não nos Deve Surpreender

Algumas pessoas parecem crer que, se somos fiéis a Cristo, e bons ministros dos dons da graça divina, temos de desfrutar, necessariamente, de todos os regalos materiais. Nos dias de Pedro, com certeza, já havia os que ensinavam que o crente deve possuir carros de luxo, mansões no alto de uma colina etc. Mas a Bíblia jamais prometeu facilidades nesta vida, nem ensina que, ao nos convertermos, desvencilhamo-nos automaticamente dos problemas. A vida cristã é uma batalha, mas a vitória é sempre certa.

Pedro já havia indicado que nosso testemunho de fé pode suscitar oposição. Agora, apressa-se em lembrar-nos que o ministério de fé nos dons e graças divinos pode acarretar-nos julgamentos abrasadores - palavra usada nos testes de metais. Pelo fato de Pedro ter de enfatizar tal assunto outra vez, demonstra que os leitores do apóstolo não estavam preparados a aceitar esse tipo de ensinamento, como muitos cristãos, hoje, não se acham aptos a ouvi-lo. Embora vejam os julgamentos abrasadores como algo estranho, surpreendente e desconhecido, permanecem indiferentes. Apesar de tais provações, devemos regozijar-nos (1 Pe 4.13). Nessas provações, partilhamos dos sofrimentos de Cristo; tornamo-nos parceiros de sua dor.

Pedro lembra-nos ainda que devemos regozijar-nos sempre, não importando o quanto temos partilhado dos sofrimentos de Cristo, pois o tempo de sua glória será revelado no triunfo de sua volta. Quando pensamos no que significa voltar com Ele, transformados em sua semelhança, prontos a reinar ao seu lado, alegramo-nos com uma alegria extravagante.

Se formos insultados, amaldiçoados, ultrajados e denunciados, por causa do nome de Cristo, consideremo-

nos felizes: a glória de Cristo estará sobre nós. Que de nós falem mal. Através de nosso contentamento, no Espírito de Deus, o nome de Cristo há de ser glorificado continuamente.

Quanto aos que sofrem em conseqüência de seus erros, Pedro interpõe mais um parêntese com um aviso bastante específico (1 Pe 4.15). Parece estranho ouvir o apóstolo dizer tais coisas aos cristãos, mas devemos lembrar-nos que muitos de nós vieram de um passado de idolatria extremamente imoral, marcado por bruxarias, bebedices e uso de drogas. Eis porque Pedro faz esta advertência a fim de que ninguém sofra como assassino, nem como ladrão. Similarmente o cristão deve evitar tornar-se malfeitor ou se intrometer em assuntos alheios.

Mas se alguém sofre como cristão verdadeiro, Deus não permitirá que ele seja envergonhado (Rm 8.28).

XV - O Juízo Começa na Casa de Deus

Se acharmos desnecessária toda essa exortação a respeito do regozijo no sofrimento, vejamos 1 Pedro 4.17. Nesta passagem, não há nenhuma contradição às promessas e bênçãos divinas, mas aqui está a evidência de uma grande verdade: o juízo deve começar pela casa de Deus. Não foi isto que aconteceu nos dias do Antigo Testamento, quando Deus trouxe o julgamento primeiro a Israel e a Judá antes de cuidar dos assírios e babilônios? (Am 3.2; Ez 9.6; Is 10.5,12; Hc 2.4-20). Deus é fiel para nos abençoar, mas é igualmente fiel para julgar-nos e disciplinar-nos. Sua intenção não é destruir-nos, mas trazer-nos à glória.

Não permitamos que isto nos desanime ou nos faça recuar. O caminho do pecador, no final, é muito mais árduo. Se o remanescente (aqueles que aceitaram a Cristo) com dificuldade é salvo (Pv 3.11), o que dizer dos

incrédulos quando da instalação do Grande Trono Branco? Pedro 4.19 conclui esta seção com uma palavra de encorajamento aos que pagam alto preço por viverem uma vida santa e dedicada a Deus. Que a custódia de suas almas seja entregue a Deus. Que continuem a fazer o bem, pois o Deus que foi fiel ao plano de criação, não falhará no plano da redenção.

O quadro desse compromisso é o de um aplicador que entrega seus bens a uma instituição de confiança. Esqueçamo-nos, pois, de nós mesmos, e continuemos a fazer o bem, pois Deus está a zelar pela nossa eterna herança.

Tendo em vista o fato de que o fim se aproxima, as exortações de Pedro, nesta seção, tornam-se hoje mais significativas. Deixemos claro, pois, que o verdadeiro Cristianismo não se esvai com a aproximação de uma provação, julgamento ou prova de fogo. Pedro não está falando de problemas comuns como doença ou acidentes. Ele tem em mente aquelas coisas que um mundo adverso a Cristo, amontoa sobre os crentes que não se adequam ao seu sistema.

Em alguns países, essa provação já significa sofrimentos físicos: perseguição, prisão e morte. Em outros, o inimigo é mais sutil com suas sugestões, insinuações, zombarias e tentativas de roubar ao crente em seus direitos de difundir o Evangelho. Mas, onde quer que estejamos, temos o mesmo fiel Criador. Comprometamo-nos com Ele. Continuemos a fazer o bem até mesmo àqueles que nos odeiam. Esta é a ordem de Jesus (Mt 5.44,45; Rm 1.2;20,21). Jamais a esqueçamos!

5

Alegria em Servir

1 Pedro 5.1-14

S.L.Brengle, oficial do Exército de Salvação, disse certa vez: "Quando Deus busca um homem para trabalhar em sua vinha, não pergunta se este tem grandes habilidades naturais ou educação esmerada. Ou se fará orações eloqüentes. O Senhor antes pergunta se ele tem um coração dedicado à sua Obra. Será santificado? Sabe amar o bastante? Estará desejoso de caminhar na fé e não pelas sensações? Seu amor será tão grande e confiante quanto o de uma criança? Pode confiar na provisão divina mesmo quando não vir nenhum sinal de que está sendo usado na expansão do Reino?"

Pedro conclui sua primeira carta exortando os vários membros da igreja, especialmente os líderes, pois sabia da importância da liderança no plano de Deus e na obra da Igreja. Em primeiro lugar (1 Pe 5.1-4), trata dos mais velhos - presbíteros. Nos dias do Novo Testamento, esse título correspondia ao pastor ou superintendente de uma congregação local ou assembléia. Já em 1 Pedro 5.5, menciona os jovens, e prossegue (1 Pe 5.6-11) com a

congregação como um todo. Segue-se a exortação final, as saudações e as bênçãos (1 Pe 5.12-14).

I - Exortação aos Mais Idosos

O termo "mais idoso" (1 Pe 5.1) foi transportado da sinagoga à igreja. Os anciãos eram os administradores da sinagoga, os que tinham a custódia do prédio e das cópias dos livros do Antigo Testamento. Além disto, dirigiam o louvor e designavam ocasionalmente algum rabi visitante a ler e explicar as Escrituras. No que tange a guarda das Escrituras, sua responsabilidade era mui grande, pois os pergaminhos, por serem raros, representavam verdadeiros tesouros.

De um modo geral, a expressão "mais idoso" era normalmente traduzida entre os cristãos pela palavra grega *presbítero*. Todavia, entre algumas igrejas puramente gentias, que desconheciam os costumes judaicos, as expressões *mais idoso* e *presbítero* significavam, via de regra, um homem de idade, e não propriamente um líder. Para que não houvesse confusão, passaram a usar o termo *episcopos* - inspetor, superintendente. No período do Novo Testamento, os termos *bispo* e *mais idoso* eram usados de forma intercambiável com líder, que correspondia a pastor.

Nos séculos seguintes, o pastor da igreja principal da cidade passou a ser intitulado de bispo, enquanto os pastores assistentes e os das igrejas menores, ou filiadas, eram chamados de presbíteros. Com a evolução do processo, marcado pela degeneração, uma hierarquia já estava a comandar a igreja. Os bispos passaram a chefiar os demais, e o termo *presbítero* corrompeu-se para *sacerdote*, que nada tinha a ver com a palavra similar do Antigo Testamento. Mas, como já o dissemos, os termos *mais idoso*, *presbítero* e *bispo* eram usados indiferentemente nos dias de Pedro.

Pedro não se refere aos mais idosos como se fora um papa. Ele não está dando ordens, mas exortando-os na condição de um companheiro ainda mais idoso. Dar ordens não é a tônica de seu ministério. À semelhança dos outros apóstolos, Pedro era uma testemunha de primeira mão da ressurreição de Cristo. Como diz João, os apóstolos tinham autoridade para declarar o que haviam visto com seus próprios olhos e tocado com suas mãos "com respeito ao Verbo da Vida" (1 Jo 1.1). Os presbíteros das igrejas, portanto, eram responsáveis pela continuidade da difusão do Evangelho, que não refletia apenas o que Cristo havia feito em sua primeira vinda, mas o que Ele ainda está por fazer em sua segunda vinda.

II - O mais Idoso como Pastor

Além do que foi dito em 1 Pedro 5.2, era responsabilidade dos mais idosos pastorear o rebanho de Deus. Tinham de fazer o trabalho de um bom subpastor, servindo ao rebanho que Deus lhes havia confiado. Não por compulsão, mas com entusiasmada boa-vontade; não por sórdida ganância, mas com mente voluntária. Tinham de evitar, a qualquer custo, o mero profissionalismo e as atitudes dos líderes de Israel, no Antigo Testamento, que a si mesmos se apascentavam em detrimento do rebanho de Deus (Is 56.11; Jr 50.6; Ez 34.2-8; Zc 10.3; 11.4,5). O Salmo 23 é própria imagem de Jesus como o Bom Pastor. Que os pastores tenham sempre diante de si essa passagem do Livro Santo.

Os mais idosos não devem usar de sua liderança para se assenhorearem da herança de Deus, ou seja: da porção que pertence realmente a Deus, mas que Cristo de boa mente lhes confiou. Em vez disto, devem se transformar em exemplos para todo o rebanho.

O ensinamento de Pedro é semelhante ao de Jesus que, ao perceber que seus discípulos começavam a de-

monstrar ciúmes sobre quem deveria sentar-se à sua direita ou à sua esquerda no Reino, afirmou-lhes: "Bebereis o meu cálice; mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não me compete concedê-lo; é, porém para aqueles a quem está preparado por meu Pai. Ora, ouvindo isto os dez, indignaram-se contra os dois irmãos. Então Jesus, chamando-os para junto de si, disse: Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados, e que os maiorais exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo; tal como Filho do homem que não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos" (Mt 20.23-28).

O exemplo de Cristo é a chave para o preenchimento de tais requisitos. Os pastores que agirem como o Senhor Jesus agiu podem não receber uma coroa na terra, mas quando Jesus, nosso Sumo Pastor, vier, dar-lhes-á a recompensa - uma coroa de glória que, ao contrário das grinaldas postas sobre as cabeças dos atletas, há de durar eternamente. A glória que Ele conferirá com o seu "missão cumprida!" será uma coroa que nem o tempo, nem a eternidade ofuscará (1 Pe 5.4).

III - Juventude e Novos Convertidos

O que Pedro diz a respeito do serviço humilde e das recompensas do pastor, ou dos mais idosos, aplica-se também aos mais jovens membros da assembléia. Tem a ver com o modo pelo qual se submetem aos mais idosos, ou pastores, demonstrando submissão em respeitosa obediência e amor.

Isto não significa, porém, que os oficiais da igreja devam exigir submissão dos mais novos. Se todos demonstrarem o mesmo espírito de submissão entre si, a

juventude render-se-á ao amor demonstrado pelos mais idosos. Velhos e jovens! Todos devem vestir-se de humildade (1 Pe 5.5). A ordem é clara: "No trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade". "Cingir-se de humildade" significa cingir-se com uma toalha (Jo 13.4) como Jesus o fez para lavar os pés aos discípulos. Aperte-a bem e não a deixe cair. Naquele ato, não pretendia Jesus deixar-nos uma cerimônia, mas um exemplo.

IV - Exortações à Congregação

Por que devemos cingir-nos contínua e firmemente com humildade? Porque Deus resiste ao soberbo (Pv 3.34; 16.5). Apenas o humilde receberá a sua graça. Temos de ser cuidadosos (1 Pe 5.6), pois, e nos humilharmos sob a poderosa mão de Deus. Isto ainda quer dizer: aceitar nossas humilhações sem lutar ou resistir o que quer que o Senhor utilize para nos humilhar.

Não devemos, porém, ver a poderosa mão de Deus como sinal de julgamento. Na Bíblia, ela refere-se geralmente ao dar, proteger e abrigar (Dt 3.24). Este é o significado usado aqui. O propósito divino, ao submeter-nos ao processo de humilhação, é afastar-nos do orgulho que, fatalmente, nos impediria de participar de sua glória a ser revelada em Cristo. Se caminharmos em humildade, seremos exaltados por Ele quando da revelação de seu Filho.

No processo de humildade, temos de aprender a nos desvencilhar de todos os cuidados, ansiedades e preocupações, pois Ele cuida de nós. O orgulho exalta o ego e depende do ego, mas a humildade reconhece nossa dependência de Deus, e exprime sua confiança nEle. Como disse o rei Davi: "Confia teus cuidados ao Senhor, e ele te sustentará: jamais permitirá que o justo seja abalado" (Sl 55.22).

O Deus que provê alimento aos pássaros e beleza aos lírios do campo, cuidará de seus filhos, quando em humildade, procurarmos primeiro o Reino, e sua justiça acima de nosso ego (Mt 6.25-34). Pode ser difícil reconhecer que Jesus continua a ser o Bom Pastor (Jo 10.11,13). Mas sabemos que Ele nos conhece e também às nossas necessidades. Lembremo-nos de que o orgulho e o ego estão por trás da maioria de nossas ansiedades e preocupações. Se lhe formos fiéis, descobriremos que, libertos do orgulho, Deus fica mais inclinado a nos favorecer. O jogo político não deve ter lugar na vida da igreja.

É tão bom quando nos apoiamos no Senhor, e lhe permitimos nos colocar onde Ele quer que estejamos!

V - Resista ao Diabo

Evitemos o orgulho e alegremo-nos em nossos sofrimentos, porque o diabo (o caluniador e falso acusador) é o nosso adversário número um. A obra da Igreja não é brincadeira de criança. É uma batalha. Satanás está ao nosso redor como um leão que ruge, buscando afastar-nos da fé, levando-nos a separar-nos do rebanho para que possa nos tragar. Mantenhamo-nos, pois, sóbrios e vigilantes!

Além disto (1 Pe 5.9), permaneçamos firmes na fé. "Firme" é uma palavra usada também para exprimir a solidariedade compacta de um grupo, ou de uma sólida frente de batalha representada por uma falange de um exército da antigüidade. Como soldados de Cristo, embracemos o escudo da fé, para apagarmos todos os dardos inflamados do maligno (Ef 6.16). Havendo força na unidade, maiores serão as vitórias do Corpo de Cristo.

Mesmo quando pensamos estar sós na batalha, na realidade não o estamos. Satanás tenta fazer-nos sentir que ninguém sofre tanto quanto nós. A verdade, porém, é

que sofrimentos iguais aos nossos (1 Pe 5.9) estão sendo experimentados por nossos irmãos espalhados pelo mundo. Alguns estudiosos traduzem a última parte de 1 Pedro 5.9 assim: "Sabendo como continuar pagando as mesmas coisas em sofrimentos como seus irmãos em todo o mundo, ou espalhados num mundo hostil, estão pagando". De qualquer forma, não temos de nos lamentar como se fôssemos os únicos a enfrentar problemas, provações ou batalhas.

Além do mais (1 Pe 5.10), o Deus de toda a graça está conosco. Sua graça em todas as formas e dons (1 Pe 4.10) é suficiente para toda batalha. Seu propósito não é a derrota, mas uma glória eterna - a glória de Cristo da qual vamos compartilhar. Não temos de nos glorificar a nós mesmos. Tudo que temos a fazer é seguir a Jesus com fé. Deus cuidará que sejamos plenamente glorificados. Seu amor é a nossa garantia. Nada, em todo universo, pode separar-nos do amor de Deus que nos pertence em Cristo Jesus (Rm 8.30-39).

Se Deus permite que Satanás nos ataque, é para que sejamos ensinados a conquistar vitórias. Se sofremos é para que, através do sofrimento, alcancemos a perfeição. Ele quer aperfeiçoar-nos e preparar-nos não meramente como indivíduos, mas como membros do Corpo de Cristo. Ele prepara-nos com firmeza para que tenhamos condições de executar o seu serviço. Estejamos certos, pois, de que Ele cumprirá todos os seus propósitos em nossas vidas, porque a Ele pertence o domínio pelos séculos dos séculos. Não haverá fim para a glória (1 Pe 5.10) a que Ele nos chamou. A tudo isto, a Bíblia acrescenta um ressoante "Amém!"

VI - Exortações Finais, Saudações, Bênçãos

Concluindo, Pedro deixa transparecer ter dedicado esta epístola a Silvano, seu fiel irmão em Cristo, a quem

considera valioso. A maioria das epístolas do Novo Testamento foram escritas com a ajuda de escribas ou secretários. Ou seja: os apóstolos ditavam enquanto caminhavam, movidos pelo Espírito Santo, e os amanuenses a tudo registravam com atenção e cuidado. As epístolas são verdadeiras cartas, não ensaios formais. Nesta carta, pois, Pedro reafirma seu propósito em exortar os irmãos e a testificar-lhes acerca da verdadeira graça de Deus. É um desafio para que assumam o seu lugar e, rapidamente, se coloquem nessa mesma graça.

As saudações finais (1 Pe 5.13) incluem uma igreja de Babilônia como uma das escolhidas. A maioria dos comentários supõe que, por Babilônia, Pedro esteja se referindo a Roma. Eles alegam que Babilônia era um tipo de nome místico usado para identificar a capital do Império Romano. Outros, porém, ensinam que não havia terreno para tal interpretação, pois as grandes perseguições romanas ainda não haviam começado. Tampouco o apóstolo Paulo alguma vez tentou esconder sua condição de cidadão romano. Além do mais, a Babilônia literal, às margens do rio Eufrates, já era o centro do Judaísmo ortodoxo.

Depois da destruição de Jerusalém (70 d.C), os israelitas que saíram da Palestina, fizeram de Babilônia o mais importante centro do Judaísmo. Lá, as tradições dos famosos escribas e fariseus foram transcritas no Talmude, que viria a se tornar muito influente. Lembremo-nos também de que Pedro era reconhecido por exercer o ministério entre os judeus como o apóstolo da circuncisão (Gl 2.7,8). Teria sido muito estranho se ele não tivesse viajado à Babilônia para visitar os judeus que lá residiam a fim de ganhá-los para Cristo. Como poderia negligenciar um centro tão importante?

Supõem alguns ainda que Pedro estava apenas usando Babilônia como um termo genérico para o mundo como o

local do exílio do cristão, assim como a Babilônia de Nabucodonosor o fora para os judeus. Não resta dúvida de que os crentes são peregrinos, mas, neste caso específico, ainda preferimos crer que o apóstolo se referia realmente a Babilônia.

É interessante notar que, quando a igreja de Roma começou a clamar por preeminência, dizia-se ter sido ela fundada por Pedro e Paulo. Mas Paulo deixa claro, ao escrever aos romanos, que houvera tentado muitas vezes visitá-los, mas, até aquele ponto, tinha sido impedido (Rm 1.13). É óbvio que Paulo não poderia ter sido o seu fundador. Assim, os escritos romanos abandonam Paulo e passam a alegar que sua igreja fora fundada por Pedro. Mas o apóstolo Paulo conclui que os fiéis romanos necessitavam de dons espirituais. Ele o faz de tal forma que deixa transparecer que nem Pedro, ou qualquer outro apóstolo, tenha jamais ministrado em Roma (Rm 1.11). Mas tanto para Paulo quanto para Pedro, a discussão sobre quem havia fundado aquela, ou qualquer outra igreja local, pouco significava. O único fundamento que consideravam importante era aquele posto por Cristo Jesus (1 Co 3.11).

As saudações também incluem Marcos (João Marcos), "filho" de Pedro (convertido e discípulo). O apóstolo pede a seus leitores que saudem uns aos outros com ósculo santo, aparentemente restrito ao mesmo sexo; era uma maneira comum de se cumprimentar naqueles dias (veja Rm 16.16, 1 Co 16.20). Muitas igrejas européias, principalmente do Leste, conservam esse costume. Em nossa cultura, manifestamos nosso cálido amor com um aperto de mãos; é uma maneira de se estender a bênção e a paz (1 Pe 5.14).

6

Crescendo na Graça

2 Pedro 1.1-21

Durante boa parte de sua vida e de seu treinamento, Pedro permaneceu distante do "sempre preparado". Na juventude, era impetuoso e dono da própria vontade. Quando seu irmão, André, o levou a Cristo, Jesus logo viu sua fraqueza interior. Sua natureza era instável como a areia. Não obstante, o Senhor deu-lhe um novo nome: Pedro, "rocha", antecipando o que ele viria a tornar-se através de Cristo.

Mas Pedro não se tornou uma rocha da noite para o dia. Mesmo depois de ter confessado que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo, resistiu aos ensinamentos do Mestre, e teve de ser repreendido por não entender a vontade divina em relação a Jesus (Mt 16.16,23). E ao negar a Cristo, mostra quão instável ainda era (Mt 26.69-75). Jesus, porém, já havia declarado que Pedro mudaria; transformar-se-ia numa rocha capaz de fortalecer seus irmãos (Lc 22.32).

Após a ressurreição, contudo, Jesus depara-se com um Pedro humilde e restaurado, e confia-lhe nova missão

(Jo 21.15-17). No Pentecoste, o batismo no Espírito Santo o fortalece (At 2.4,14), mas o seu processo de treinamento ainda não havia sido completado. O Espírito Santo continua a enriquecê-lo com novas experiências, na casa de Simão, o curtidor, e na casa de Cornélio (At 10.9-11.17). O que dizer da repreensão de Paulo em Antioquia? (Gl 2.11-14). Mas na Convenção em Jerusalém (At 15.7-11), Pedro já pode levantar-se como uma rocha e dar firme testemunho da verdade. Ele já se encontra "sempre preparado" a dar razão ou conta da esperança que nele habitava.

Em tudo isto, o propósito de Deus era o crescimento e a maturidade de Pedro a fim de que ele pudesse ajudar ao próximo. Crescimento e desenvolvimento são sinais de vida no mundo natural. São também as evidências da vida espiritual. A própria vida de Pedro era um exemplo do que Deus pode fazer. Sua experiência levou-o a preocupar-se em fortalecer os demais, e ajudá-los a crescer na graça e no conhecimento de Cristo.

I - Saudação

A Segunda Epístola de Pedro, ao contrário da primeira, não é dirigida a nenhuma igreja específica. É direcionada aos que obtiveram preciosa fé através da justiça de Deus em Cristo. No primeiro capítulo, prossegue a estimular o crescimento por intermédio do exercício de fé (2 Pe 1.2-11), tendo como base a Palavra de Deus tal como é proclamada (2 Pe 1.12-21).

Temos uma maravilhosa base para o crescimento na fé. Não obstante, muitos desejam ter estado no monte da Transfiguração para contemplar a glória e a radiante natureza de Cristo. Acham que, por não terem tido o privilégio de ver o Jesus exaltado, são cristãos de segunda classe. Mas não é bem assim, como afiança Pedro nesta segunda epístola, escrita já no epílogo de sua vida. Em-

bora seus leitores fossem de outra geração, e jamais tivessem contemplado a Jesus na carne, podiam desfrutar da mesma fé que os apóstolos. Doutra forma, a natureza de Deus, conforme revelada em Jesus, perderia sua razão de ser. Com isto, Pedro enfatiza a divindade de Cristo.

Não resta dúvida de que os apóstolos desfrutavam de uma posição de destaque. Todavia, temos condições de usufruir das mesmas bênçãos e vitórias. Através do conhecimento pessoal e real de Deus, em Jesus, usufruímos de igual modo da graça que nos é multiplicada, e de paz - harmonia, ordem, saúde, bem-estar. Temos verdadeira segurança por causa da força que Deus nos garante em todas as coisas necessárias aos dois elementos de nossa experiência cristã: vida espiritual e santidade (santidade prática expressa na conduta diária, conversa, trabalho e família e comunidade).

II - Crescimento na Graça Através do Exercício da Fé

Esta vida, recebemo-la ao nascer de novo (Jo 3.3), possibilitando-nos penetrar num conhecimento pessoal de Cristo como nosso Salvador. Mas a santidade não é recebida automaticamente. Ela diz respeito a vida e a natureza cristã que se desenvolve à proporção que prosseguimos no conhecimento de Cristo. É uma vida que gira em torno de Deus; e, por Ele, é controlada em todos os aspectos. Uma vida oposta a maneira de viver do presente século. Isto significa que Deus nos chamou à própria glória em Cristo.

Tudo isto é obra do Espírito Santo. Através da Palavra, revela-nos Cristo. Ele torna Jesus real. Leva-nos a dizer como Paulo: "Perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo" (Fp 3.8,10).

Muitos, hoje, não estão ansiosos propriamente quanto à santidade, mas quanto àquela parte da glória e virtude

de Cristo vista em força e milagres. Mas a Bíblia não nos autoriza a buscar a força dissociada do saber de Cristo. Se procurarmos apenas a força, com certeza a usaremos mal e estaremos mais propensos a ferir do que a ajudar alguém. Mas buscando a glória e a virtude de Cristo, aprenderemos a usar corretamente a sua força. Tal aprendizado se busca nas Escrituras com o auxílio do Espírito Santo. Somente Ele pode iluminar nossos corações e mentes para que o nosso ser torne-se pleno de Cristo. Dessa forma, demonstraremos nossa santidade no amor ao próximo. E Deus cuidará para que jamais venhamos a sentir falta dessa força.

A chamada à glória e à virtude põe uma tremenda responsabilidade sobre nós. Não nos cabe nenhum mérito se recebemos de sua força, ou se somos usados como canais para milagres. Pois com esta chamada, Cristo concedeu-nos grandes e preciosas promessas (incluindo as que têm a ver com a sua segunda vinda). Tais promessas mostram-nos que o seu propósito de nos dar sua glória, virtude e força, não é satisfazer-nos os caprichos, ou fazer-nos sentir bem. Seu propósito é que participemos da natureza divina.

Compartilhar da natureza divina é uma maneira de dizer que fomos recriados segundo a imagem de Deus, não como Adão, nosso primeiro pai, mas na plenitude de Cristo (Hb 1.3). Ou, como Paulo diz, "e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus [de conformidade com a imagem de Deus], em justiça e retidão procedentes da verdade" (Ef 4.24). Justiça e retidão! Elas são muito mais que aparência externa ou hábito; são a vida e a natureza divina operando em nós. Muitos hábitos tidos como civilizados não passam de aparência; logo se esvaem. Num momento de tensão, a velha natureza rapidamente assume seu lugar e mostra quão distante está de Deus. O que se faz necessário, pois, não é uma nova

pintura exterior, mas um coração novo, uma vida nova e um novo espírito interior.

No dia de Pentecoste, Pedro havia exortado a seus ouvintes a se salvarem daquela geração perversa (At 2.40). Os líderes de igreja moderna que dão as costas ao verdadeiro Evangelho, e passam a se dedicar a um "evangelho social", agem como se caiassem madeira podre. São como os falsos profetas da época de Jeremias que gritavam: "Paz, paz", quando não havia paz (Jr 6.14; 8.11). Seus esforços em querer fazer-nos progredir na direção de um bem-estar dissociado do verdadeiro Cristianismo, jamais nos darão a verdadeira paz e felicidade. À semelhança dos falsos profetas, eles serão alvo do juízo de Deus.

Uma das mais fortes razões à fraqueza espiritual, em algumas de nossas igrejas, é que queremos uma força pentecostal sem a santidade pentecostal. Poucos são os que se acham atentos ao alerta pentecostal para salvar-nos desta geração perversa. Poucos também os que escapam da corrupção moral que há no mundo. Veja o caso de Miquéias. Deus o chamou e o encheu com o seu Espírito, não para realizar milagres, mas para batalhar contra o pecado.

III - O Exercício Diligente de Fé Produz Frutos

Em virtude das promessas que nos fez o Senhor, e por havermos rompido com o pecado, e por estarmos agora a compartilhar da natureza divina, temos de manter toda diligência no desempenho de nossa missão. Deus e Cristo já fizeram sua parte. Deram-nos todos os recursos necessários. Nossa parte é "acrescentar" nossa fé; exercitá-la de tal modo que venhamos a provar o abundante suprimento das qualidades mencionadas em (2 Pe 1.5-7). Cada um de nós tem de ser exercitado para que seus frutos apareçam. Não estou falando em auto-esforço, mas em fé e num zelo vivo, pois a cooperação do Espírito Santo é certa.

Não são poucos os que acham que os cristãos não precisam se preocupar com o seu crescimento espiritual. Tudo que precisam fazer é sentar ao sol de seu amor e beber da chuva de seu Espírito; e o crescimento virá por si só. Mas não é bem assim. A erva daninha cresce sem cuidado, mas o fruto valioso precisa de muito trabalho. Sem diligência, o fruto não se reproduzirá; as graças e as promessas não terão efeito. É preciso mais do que desejo para se ver os frutos vingarem. Neste ponto, Pedro demonstra que a obediência à Palavra de Deus nos tornará aptos à batalha. Quanto aos frutos, hão de misturar num belo arco-íris de santidade e amor.

Os oito frutos que Pedro menciona aqui (2 Pe 1.5-8) merecem nossa cuidadosa atenção.

1. *Fé*. A fé bíblica é uma combinação de crença, confiança, fidelidade e obediência; tudo direcionado ao Senhor em gratidão e amor. Um bêbado, um adúltero, um mentiroso, ou alguém com espírito crítico, por exemplo, pode permanecer nesse estado e, ainda assim, ter algum tipo de fé psicológica. Mas os tais não poderão adentrar à vida de fé até que sejam lavados e redimidos de seus pecados pelo sangue de Jesus. Veja o caso de Abraão. Embora sua fé estivesse direcionada a Deus, tinha como base o sacrifício de Cristo no Calvário (Gn 15.6; Rm 3.24,25).

2. *Virtude*. Duas palavras são traduzidas como "virtude" no Novo Testamento. Quando se trata da virtude que sai de Jesus (Mc 5.30; Lc 6.19; 8.46) a palavra fala de uma força poderosa e miraculosa. Mas Pedro lança mão de outra palavra (usada também em Fp 4.8) que se refere à força moral e espiritual oriunda de uma fé exercida em relação a um Deus santo. Este é o tipo de força de que necessitamos para obter a vitória sobre o pecado. Somente ela nos proporciona a superioridade moral que verdadeiramente glorifica a Deus. Ele quer ver mais do que

milagres como resultado de nossa fé. Ele quer ver em nós crescimento de uma santidade que reflita a sua.

3. *Conhecimento.* A fé e a virtude desenvolvem o conhecimento do cristão. Um novo discernimento lhe surge por estar livre do pecado que antes o impedia de ver a verdade em sua perspectiva correta. Também está livre da condenação que lhe roubava a certeza da verdade (Jo 3.19-21).

4. *Moderação.* Normalmente quando a Bíblia fala em moderação (sobriedade, correção, integridade) o significado do original grego é autocontrole ou autodisciplina. Como escreve Paulo: "Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor ou de moderação" (2 Tm 1.7). O grau de nosso autocontrole é um bom teste para sabermos o quanto de fé, virtude e conhecimento já atingimos.

5. *Paciência.* Na Bíblia, a paciência sempre significa mais do que aceitar calmamente nosso destino. Significa resistência com firmeza. É resistir à oposição ou manter-se firme sob quaisquer dificuldades. Não é estoicismo, nem disposição obstinada. É antes uma tenacidade inspirada pelo propósito que Deus traçou às nossas vidas, e pela visão de seu grande plano e da herança que Ele nos reservou em Cristo. A paciência vem como o resultado do exercício da fé, virtude, conhecimento e autocontrole. Ela capacita-nos a resistir sob quaisquer provações que Deus nos permita passar visando nosso desenvolvimento espiritual.

6. *Santidade.* É a mesma santidade prática vivida na vida diária e expressa em 2 Pedro 1.3. Nossa fé e paciência não serão manifestas pela aspereza ou luta, mas pela abundância da graça de Cristo. Esta santidade "para tudo é proveitosa" (1 Tm 4.8). Baseada no contentamento que permanece em Deus, não depende de circunstâncias ou coisas materiais.

7. *Amabilidade fraterna.* Nossa santidade prática estimula o espírito de afeição e de amor em relação aos nossos irmãos. O cristão não é simplesmente "bonzinho". Ele demonstra, pelo próximo, genuíno interesse e preocupação advindo do amor de Deus que gera o amor uns pelos outros.

8. *Amor.* O amor, no Novo Testamento, é sempre um amor fiel, santo, e abnegado por Cristo e pelos semelhantes, incluindo os que não o merecem. Não é afetado pelos sentimentos gerados por aquilo que os outros fazem a nós. A mesma palavra grega *ágape* é traduzida como "amor" em 1 João 4.7,8 e em outras 84 passagens do Novo Testamento. Várias vezes é designado como *o amor do Calvário* por ser o clímax das virtudes cristãs, e por ser o amor que corresponde ao amor de Cristo. É também o amor que Paulo arrola ao falar do fruto do Espírito (Gl 5.22,23). É o amor que permanece quando as experiências da vida terrena desvanecem (1 Co 13.13). Veja que descrição faz o apóstolo Paulo do amor no capítulo 13 de sua Primeira Carta aos Coríntios.

Não podemos demonstrar o amor do Calvário de qualquer forma. As outras sete virtudes têm de estar presentes de igual forma. Se todas elas juntas atuarem (2 Pe 1.8), haverá real abundância em nós. Elas não permitirão que venhamos a nos tornar inúteis, ineficazes, nem infrutíferos com respeito ao conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Através dessas oito virtudes, chegamos a conhecer realmente a Jesus e a entrar num significativo modo de vida e propósito.

Pedro reforça a importância dessas virtudes (2 Pe 1.9), salientando que a falta delas demonstra que ainda estamos "cegos, e que não podemos enxergar à distância". Ou seja: estamos quase fechando os olhos; com a visão enfraquecida. Deliberadamente nos esquecemos que fomos purgados de nossos antigos pecados. Isto implica

que estamos cegos de igual modo à nossa verdadeira condição espiritual, e que já perdemos a visão das promessas que nos fez Deus.

IV - Assegurando Nossa Chamada e Nossa Escolha

Pedro prossegue, instando-nos agora a ser diligentes quanto à nossa chamada (2 Pe 1.10). O grego indica que devemos fazer isto por nós mesmos. Ninguém mais pode fazê-lo por nós. Nossa chamada é o convite divino que, prontamente, respondemos. Nossa escolha é a real aceitação desse convite a fim de que participemos das promessas que nos fez o Pai. Temos de estar ansiosos para que elas não decaiam. Para tanto, carecemos de virtude, conhecimento, autocontrole, paciência, santidade, afeição fraterna e amor do Calvário. Se prosseguirmos na prática de tais coisas, jamais cairemos; nada será capaz de nos afastar de nosso objetivo.

Devemos lembrar-nos ainda de que jamais chegaremos a algum lugar se relaxarmos quanto à guarda dessas coisas. Mesmo depois de ter exercido o apostolado por muitos anos, Paulo confessa estar prosseguindo adiante a conquistar o que lhe propusera o Senhor Jesus: "Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma cousa faço; esquecendo-me das cousas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Fp 3.12-14). Prossegue o apóstolo: "Todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento; e se porventura pensais doutro modo, também isto Deus vos esclarecerá". Noutras palavras: o tipo de perfeição e maturidade que Deus requer de nós é a que continua se esforçando em busca do objetivo, e jamais se deixa esmorecer. Na realidade, Deus tem tanto interesse nisto que se, realmente, quisermos estar preparados quando da volta de Jesus, Ele nos ajudará a agir com diligência em todas as áreas de nossa vida.

Pedro mostra-nos (2 Pe 1.11) que vale a pena todo o zelo e diligência para se desenvolver a sinfonia das virtudes cristãs encontradas em 2 Pe 1.5-8. Através delas, seremos supridos prodigamente com a abundância do reino eterno de Cristo, gerando-nos eterno peso de glória (2 Co 4.17).

A ansiosa diligência por se firmar a chamada e a eleição não é algo que se possa fazer antes de se aceitar a Cristo como Salvador. A Bíblia não nos mostra uma salvação por obras nem neste ponto ou em qualquer outro. Temos de nascer de novo, uma vez que a salvação é pela graça mediante a fé (Ef 2.8). Só quando cremos em nossos corações que Deus ressuscitou a Jesus dentre os mortos, e o confessamos com nossas bocas, é que estamos realmente salvos (Rm 10.9,10). A fé que não produz crescimento e desenvolvimento em Cristo é inoperante, vazia, morta e inútil (Tg 2.20,26).

V - Crescimento na Graça Mediante a Palavra Proclamada

Pedro deixa implícita sua preocupação pessoal (2 Pe 1.12) nesta exortação. Ele não quer ser negligente em lembrar-nos tais coisas. Por outro lado, não estava condenando ou questionando as experiências de seus leitores, pois sabia que estes estavam estabelecidos em toda verdade que haviam recebido. Sabia por experiência própria que uma consagração, ou uma lição, não era suficiente em si mesma. Ele ainda sabia que não dispunha de muito tempo. A morte que Jesus lhe havia profetizado estava próxima (Jo 21.18,19). Mas enquanto vivesse, haveria de exortá-los a prosseguir firmemente na fé.

Pedro deseja que eles também saibam (2 Pe 1.16) que o Evangelho não é apenas uma coletânea de fábulas astuciosamente entretecidas. O que Pedro e os outros apóstolos lhes haviam transmitido acerca da vinda de

Jesus fora-lhes assegurado pelo próprio Deus que os levou a testemunhar a majestade de Cristo no monte da Transfiguração (Mt 17.5). Aqui, o Pai corroborou a glória de Jesus, identificando-o como o Filho amado em quem se comprazia (2 Pe 1.17).

Todavia, não dependemos desta experiência para termos certeza de quem Jesus é, e para nos assenhorearmos da realidade de sua glória vindoura. Pois, temos a Palavra Deus conosco. Neste ponto, Pedro tinha em mente o Antigo Testamento, mas podemos fazer a mesma aplicação ao Novo (2 Pe 1.19). Por conseguinte, fazemos bem ao nos aplicarmos à palavra profética, pois é uma lâmpada que brilha na escuridão da ignorância espiritual deste mundo até que o dia apareça e a estrela da alva desponte. O texto grego diz que o pecado tornou o mundo um local sujo, escuro, esquálido, fúnebre, mas que a luz de Cristo, espalhando-se, mostra-o como ele realmente é. Ela faz-nos também ver a glória e a beleza de Jesus e o que Ele nos tem preparado.

Também temos certeza de que podemos depender realmente da Palavra de Deus, pois nenhuma profecia jamais foi entregue porque alguns homens decidiram produzi-la por si mesmos. A Bíblia nunca registrou nenhuma interpretação ou idéias pessoais de quem quer que seja como regra de fé e conduta, mas homens santos de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo. Eles falaram por Deus.

7

Advertências contra Falsos Mestres

2 Pedro 2.1-22

Há muitas razões para darmos total atenção à inspirada Palavra de Deus. Uma das mais importantes é a presença de falsos mestres que nos querem privar de estarmos preparados mediante a obediência à verdade. Este capítulo enfatiza que o juízo de Deus está, e estará sobre estes, e sobre os que por eles são enganados. Deus sabe o que os falsos mestres farão (2 Pe 2.1-3), mas já demonstrou que também sabe como resgatar o santo, e julgar o incrédulo (2 Pe 2.4-9). Mostra-nos, por isso, o que ocorre quando os cristãos são confundidos (2 Pe 2.20-22).

I - Deus Sabe o que Farão os Falsos Mestres

Os santos profetas de Israel tiveram de contender com os falsos profetas que *surgiam no meio do povo* (Mq 2.11; Jr 14.13-15; 5.31; 23.9-22; 29.9). Eles gritavam: "Assim diz o Senhor", talvez mais alto que os mensageiros de Jeová. Incitavam o farisaísmo e o mundanismo. Negavam a mensagem divina. Mas os fatos provavam

estarem eles completamente errados. Haja vista o que se deu em relação à Jerusalém. Diziam os falsos profetas que a cidade jamais seria destruída. No entanto, veio Nabucodonosor, e deitou-a por terra, demonstrando que a mensagem divina, na boca de Jeremias e de quantos haviam predito tal desgraça, era realmente a verdade.

Não devemos ficar surpresos se falsos mestres encontram-se entre nós. Pois os maiores inimigos de nossa fé não se acham entre os ateus e comunistas. Estes atacam-nos de fora para dentro, mas os que se dizem cristãos, e não o são, o fazem de dentro para fora. Buscam introduzir secretamente, na casa de Deus, heresias e opiniões que têm como alvo a perdição eterna. Não era o que se dava com as várias seitas e cultos surgidos nos primeiros séculos do Cristianismo? Hoje, além das seitas, estamos às voltas com os chamados modernistas, ou liberais, cujo criticismo destrutivo da Bíblia vem induzindo a muitos a negar o Senhor e Mestre que nos resgatou mediante o Calvário. Mas, ao negarem-no, trazem sobre si mesmos súbita destruição - a perdição eterna no lago de fogo. Embora julguem-se a salvo, não hão de escapar no dia do Juízo Final.

Pedro logo percebeu (2 Pe 2.2) que os falsos mestres teriam vasta influência. Muitos seguiriam seus caminhos perniciosos - conduta ultrajante e baixos padrões morais. Com os seus ensinamentos, zombam da verdade. Em sua linguagem abusiva e blasfema, desonram o nome de Deus.

Os falsos mestres e profetas não se preocupam com o que pode acontecer aos seus seguidores. São movidos (2 Pe 2.3) não por Deus, nem pelo Espírito Santo, mas pela cobiça - ignoram os direitos alheios. Com palavras falsas, forjadas em suas próprias mentes, fazem comércio de seus seguidores. São profissionais que geram lucrativos negócios a partir de seus ensinamentos nocivos. Tudo

o que fazem é para o próprio ganho. Sua sentença, porém, já está lavrada. Sua condenação não descansará; certamente virá.

II - Deus Sabe Como Resgatar o Justo e Julgar o Pecador

Os falsos mestres negam a idéia do inferno e da punição eterna. Mas o Juízo Final não é nenhum pesadelo ou sonho, mas algo que Deus preparou para julgar a humanidade. Três ilustrações são usadas aqui (2 Pe 2.5-8), não apenas para mostrar que o julgamento dos falsos mestres e profetas certamente virá, como também para trazer conforto e certeza aos que por eles são atacados.

O Senhor livra da provação os piedosos, e reserva sob custódia o injusto até que o dia do julgamento traga sua punição (2 Pe 2.9).

Levemos em conta que Deus (2 Pe 2.4) não poupou nem mesmo os anjos que pecaram, mas lançou-os no inferno, e os pôs em cadeias - poço de trevas - onde aguardam o Julgamento Final. Alguns estudiosos, indevidamente, buscam relacionar tais anjos com os filhos de Deus mencionados em Gênesis 6. Só que os filhos de Deus, aqui mencionados, nada têm a ver com os anjos; eram os descendentes de Sete que se haviam desviado da verdade. Voltando ao assunto, deixamos claro que, se Deus tem um julgamento à espera dos anjos caídos, não há de ignorar os falsos mestres e profetas.

Deus também não isentou o mundo antigo da punição (2 Pe 2.5), embora o haja criado e declarado que tudo era bom (Gn 1.31). Antes enviou o dilúvio para punir os injustos (ver Gn 6.6,7). Noé, porém, o proclamador da justiça divina, foi preservado pelo Justo Senhor. Deus soube como salvá-lo e protegê-lo.

O mesmo se deu em Sodoma e Gomorra (2 Pe 2.6). Ambas as cidades foram condenadas à ruína, demons-

trando a certeza do juízo divino sobre todos os que vivem de forma injusta e irreverente. Mas Ló (2 Pe 2-2.7) era justo. Achava-se atormentado em conseqüência da conversa imunda e do viver ultrajante, indecente e lascivo daquela gente. Jamais se acostumara àquele estilo de vida. Sua alma piedosa era torturada constantemente por tudo aquilo (2 Pe 2.8). Todavia, Deus o resgatou, pondo-o a salvo da destruição que logo se abateria sobre Sodoma, Gomorra e outras cidades vizinhas.

Estejamos certos de uma coisa: Deus sabe como nos resgatar da opressão do mal, da imundície e das pressões que nos fazem "os homens perversos e impostores que irão de mal a pior, enganando e sendo enganados" (2 Tm 3.13).

III - Falsos Mestres e Seus Métodos

Sim, os falsos mestres e profetas serão julgados. Pedro, agora, passa a descrevê-los (2 Pe 2.10). Vivem os tais segundo a carne e em imundas paixões; menosprezam as autoridades, sejam estas divinas ou humanas. Em sua presunção, não temem falar do mal e blasfemar das gloriosas forças angelicais. Como sua vida não tem freios, sentem-se livres para escarnecer da santidade divina, dos anjos e das demais coisas espirituais que jamais lograram entender.

Quão diferente é a atitude dos anjos (2 Pe 2.11). Embora maiores em força, não ousam fazer acusações afrontosas contra os tais diante de Deus. Miguel, por exemplo, mesmo sendo o arcanjo, não proferiu juízo infamatório ao contender com o diabo (Jd 9). Em lugar de maldizer o tentador, uma só palavra é encontrada em seus lábios: "O Senhor te repreende" (Zc 3.2).

A falta de entendimento (como o grego de 2 Pe 2.12 indica) é gerada por uma ignorância obstinada. Os falsos mestres e profetas não tinham conhecimento pessoal das

coisas espirituais, por haverem rejeitado a eficácia do sangue de Cristo. Embora se declarem líderes espirituais, sua real preocupação é com as coisas materiais; seu único desejo é satisfazer os apetites da carne. Dizem-se intelectuais, mas agem como animais irracionais; são bestas brutas sujeitas à captura e à destruição. Eis o seu lema: "Comamos e bebamos, que amanhã morreremos" (1 Co 15.32). Em sua corrupção, destruir-se-ão a si mesmos, recebendo a recompensa de sua iniqüidade, "porque o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23).

IV - Como Balaão

Os falsos mestres também (2 Pe 2.15) abandonam a senda dos justos, e afastam-se da verdade. Trilham assim o caminho de Balaão, que resolveu apegar-se ao galardão da iniqüidade. Seus intentos, porém, foram desmascarados (2 Pe 2.16), sendo ele repreendido pela jumenta.

Voltemos ao capítulo 22 de Números. Os israelitas, na fase final de sua viagem à Terra Prometida, circundando Moabe, acamparam-se no vale do Jordão, defronte a Jericó. Desse lugar, movimentaram-se rumo ao norte, e conquistaram Seom, rei dos amorreus, em Gileade; e Ogue, rei de Basã. O rei Balaque, de Moabe, ao assistir toda essa movimentação, teve o bom senso para perceber que Israel obtinha suas vitórias não por causa da excelência de seus exércitos, mas porque Deus os abençoava, conduzindo-os de triunfo em triunfo.

Balaque temia que Moabe fosse a próxima conquista de Israel. Mas os seus temores eram infundados, porque Deus havia instruído a Israel que o deixasse em paz (Dt 2.9). Como Balaque não sabia disso, resolveu lutar contra Israel. Todavia, como vencer o povo de Deus? Havia somente um jeito. Encontrar alguém que pudesse desviar os favores divinos de Israel. Assim, ordenou trouxessem, da região do Eufrates, a Balaão. Em seguida, exigiu que

o profeta amaldiçoasse o arraial hebreu. Através da jumenta, porém, o Senhor advertiu a Balaão que o não fizesse (Nm 22.35).

Embora dissesse ser Yahweh o seu Deus (Nm 22.18), ele demonstrou ser ainda levado por atitudes pagãs. Pois instruiu a Balaque a oferecer vários sacrifícios, em lugares predeterminados, como o faziam os idólatras. O que ele buscava, desde o início, era de fato forçar a Deus a amaldiçoar a Israel. Mas, ao invés de amaldiçoar os israelitas, o Senhor os abençoou ainda mais.

Aliás, foi o próprio Balaão quem proferiu a belíssima profecia acerca da estrela que procederia de Jacó (Nm 24).

Não obstante, Balaão arranjou uma maneira de amaldiçoar a Israel e, assim, arrancar dinheiro a Balaque. Ele induziu a este a introduzir prostitutas moabitas no arraial hebreu, para que seduzissem aos israelitas. E, dessa forma, a maldição cairia sobre eles. E o relato subseqüente mostra que Balaão estava certo (Nm 25.1-5; 31.16). Ele, pois, usou o conhecimento que tinha da natureza de Deus para obter vantagens pessoais (1 Tm 6.5).

V - Meros Profissionais

Pedro descreve ainda os falsos mestres como meros profissionais, pois nada têm a oferecer de real ao rebanho de Cristo. Eles são fontes sem água (2 Pe 2.17). Todavia, nós possuímos os "rios de água viva" (Jo 7.38). Eles não possuem a verdadeira fé, nem podem transmitir a vida que nos vem do Espírito Santo. São também nuvens impelidas por súbitas borrascas, por isto lhes estão reservadas as trevas exteriores.

Eles proferem palavras arrogantes a fim de cativar seguidores (2 Pe 2.18). Usam como atrativo a sensualidade da carne. Suas vítimas prediletas são os novos conver-

tidos. Mas a este respeito a advertência de Cristo é severa: "E quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe. Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que crêem em mim melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundeza do mar" (Mt 18.5,6).

A liberalidade é a grande promessa que os falsos mestres e profetas fazem aos incautos (2 Pe 2.19). Entretanto, eles mesmos são escravos da corrupção. Afinal, daquele "de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo". Paulo enfatiza que a liberdade cristã não significa indulgência para com a carne. O Senhor espera que andemos "em novidade de vida", reconhecendo que a velha natureza já está crucificada com Cristo, e que, doravante, não mais sirvamos ao o pecado" (Rm 6.4,6).

Já naqueles dias, os falsos profetas ensinavam ser graça de Deus tão admirável que os crentes podiam andar como melhor lhes agradasse, sem que isso afetasse seu relacionamento com Cristo. Noutras palavras: usavam a graça de Deus como justificativa para as suas imoralidades, esquecidos de que a Palavra de Deus recomenda: "Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor" (2 Tm 2.19). Eis o que recomenda ainda Paulo: "Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?" (Rm 6.1-16). O salário do pecado continua sendo a morte, e Deus espera que seus servos produzam o fruto da santidade (Rm 6.22,23; Is 59.2 e 20.21).

Muitos dos que hoje se dizem crentes, alegam que é melhor não vivermos vidas santas para que jamais venhamos a confiar nas boas obras. Um escritor chegou a dizer que, se realmente confiamos na graça de Deus, devemos cometer algum pecado grave, de vez em quando, para fazermos o diabo reconhecer que Deus é capaz

de purificar-nos. Tal idéia é falsa, pois a Bíblia nos ensina a "negar a impiedade e as paixões mundanas", para que vivamos no presente século "sensata, justa e piedosamente" (Tt 2.12).

Ministros evangélicos chegam ao absurdo de aprovarem publicamente o homossexualismo e o sexo pré-marital. Por certo eles se esqueceram de que há um lugar reservado, no lago do fogo, para os que persistirem na imoralidade (Ap 22.8; Rm 1.26-37). Outros mostram-se mais sutis, dizendo que não há perigo algum nesses pecados, e até insinuam que devemos diminuir um pouco nossos padrões, um pouco aqui e um pouco ali. Mas verdade é esta: "Não sabeis que aquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?" (Rm 6.16).

VI - O Estado dos Crentes que se Misturam com os Falsos Mestres

O pecado é verdadeiramente uma servidão, e traz consigo o próprio castigo. Haja vista o que acontece com os falsos profetas e suas vítimas. Terminam num estado simplesmente lastimável; pior que antes (2 Pe 2.20). Os pecadores que jamais ouviram o Evangelho, têm maior esperança de arrependimento do que aqueles que, embora tendo-o um dia conhecido, apostataram da fé. São cães que voltaram ao próprio vômito (2 Pe 2.22). Essa ilustração pode não ser agradável, mas descreve muito bem o estado de quem abandona a verdade de Cristo.

Pedro insta-nos a que nos afastemos dos falsos mestres, para que não sejamos vítimas de suas manobras. Estejamos, pois, sempre prontos para apresentarmos as razões da esperança que há em nós.

8

Grande Estímulo

2 Pedro 3.1-18

Certa vez um pastor tradicional procurou-me para conversarmos acerca da vinda do Senhor Jesus. Seu professor, no seminário, havia sido um amilenista que desespiritualizava a maioria das profecias bíblicas. Resultado: meu interlocutor passou a exercer o ministério achando que a volta de Cristo e seu reino vindouro, na terra, eram assuntos de somenos importância. Agora, porém, com a intensificação da leitura da Bíblia e a observação atenta dos últimos acontecimentos mundiais, ele começou a inteirar-se das realidades das últimas coisas.

Aquele pastor acabaria por confessar-me que não eram poucos os leigos que sabiam mais acerca da vinda de Cristo que ele. Quanto a mim, fiquei maravilhado ao vê-lo disparar tantas perguntas sobre o assunto. E, assim, ficamos horas a examinar juntos as Escrituras.

Neste capítulo, Pedro mostra que há duas posições que carecem ser examinadas quanto ao que a Bíblia ensina a respeito da consumação do plano divino. Uma é a verdade da Palavra de Deus. A Bíblia diz o que realmen-

te diz, ou devemos interpretá-la de acordo com as imaginativas teorias humanas? A outra é o fato de que essa profecia está mais voltada a incentivar-nos a viver de maneira santa do que em dar-nos os detalhes que gostaríamos de saber a respeito do futuro.

Tendo em vista esta última razão, Pedro passa ao largo da volta de Cristo e de seu reino milenar, para aprofundar-se nos julgamentos que nos trarão novos céus e nova terra. Mostra-nos, em primeiro lugar, o quanto precisamos estar atentos a essas coisas (2 Pe 3.1-10). Prossegue, então, a enfatizar que o fim da presente ordem das coisas criadas está próximo (2 Pe 3.11-18). Que incentivo à santificação!

I - A Necessidade da Lembrança dos Julgamentos que Virão

Dirigindo-se mais uma vez aos seus leitores (2 Pe 3.1) como amados (por Deus, entre si mesmos e pelo próprio Pedro), lembra-lhes que seu propósito inicial continua o mesmo: despertar-lhes a mente e a compreensão (2 Pe 3.2). Que lhes sejam mantidas sempre diante das mentes as palavras dos profetas do Antigo Testamento bem como os mandamentos que lhes foram dados pelos apóstolos do Senhor. Pedro refere-se aos ensinamentos apostólicos como um todo harmônico. Reconhece aqui a unidade e autoridade de toda a Bíblia - do Antigo e do Novo Testamento que estava em processo de formação e conclusão. Ambos fazem parte da revelação única e do plano único à redenção da humanidade.

O apóstolo deseja que seus leitores entendam (2 Pe 3.3) porque insiste em recordar-lhes a verdade da Palavra de Deus. Ela é necessária porque, em primeiro lugar, nos últimos dias aparecerão escarnecedores, andando segundo as próprias paixões. Dos tais, escreve Paulo: "Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis, pois os homens

serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes... homens perversos e impostores que irão de mal a pior" (2 Tm 3.1,2,5,13). Paulo ainda alerta que o "Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência" (1 Tm 4.1,2).

II - Escarnecendo da Promessa da Vinda de Cristo

Os escarnecedores dirigirão seu escárnio (2 Pe 3.4) à promessa da vinda de Cristo - em grego, *parousia*, palavra usada como termo técnico para indicar a visita de um rei ou imperador a uma província. Fazia-se, pois, uma grande celebração em sua chegada, para que todos pudessem contemplar-lhe a majestade. Mas Jesus deu à palavra novo significado. Ele virá para receber sua Igreja, para ser glorificado em seus crentes e estabelecer seu reino milenar na terra com os vencedores (Ap 3.21). Tentam alguns limitar o significado de *parousia* à volta de Cristo à Igreja. Contudo, um exame mais atento mostra que tem um sentido mais amplo: inclui tudo que é dito por Paulo nesta assertiva: "Estaremos para sempre com o Senhor" (1 Ts 4.17).

Indagam os escarnecedores com seus escárnios: "Onde está a promessa da sua vinda, porque desde que os pais dormiram, todas as cousas permaneceram como desde o princípio da criação" (2 Pe 3.4). Sua atitude é semelhante a dos impenitentes do Antigo Testamento que zombavam das advertências a respeito da iminência do julgamento de Judá e Jerusalém: "O Senhor não faz bem nem faz mal" (Sf 1.12). Assim o faziam, supondo ser o Senhor impotente para intervir nos problemas deste mundo (Na 1.3).

Nos últimos anos, houve um reavivamento na proclamação da vinda do Senhor. Muitos de nossos pais foram usados pelo Espírito a chamar a atenção de seus contemporâneos a esta grande verdade da Palavra de Deus. Muitos deles já se acham em sua presença, aguardando para juntarem-se a nós quando os mortos em Cristo ressuscitarem (1 Ts 4.16,17). Como a promessa ainda não se cumpriu, começam a surgir os que, em torno do assunto, levantam as mais desenfreadas hipóteses.

O que os escarnecedores estavam (e estão) dizendo é que Deus jamais interveio na história humana. Assemelham-se aos deístas que, embora afirmem ser Deus a Causa Primeira do Universo, recusam-se a crer que Ele esteja interessado em nossos problemas. Não pensam diferente os teólogos liberais e modernistas. Alguns deles consideram Deus o "fundamento do ser", mas negam a realidade de seus milagres. O que dizer também dos que professam crer que a Bíblia é a inspirada Palavra de Deus, porém buscam diminuir-lhe a força negando a cura divina e a atualidade do batismo no Espírito Santo e dons espirituais?

A natureza caída do homem é antagônica à intervenção de Deus. Os homens tiraram a Deus do trono e o substituíram pelo ego. E, ainda, são arrogantes: "Eu sou o senhor de meu destino. Sou o capitão de minha alma". Mas, à semelhança dos falsos mestres de 2 Pedro 2, esquecem-se de que não são os espíritos livres que julgam ser: não passam de escravos do pecado.

III - A Intervenção Divina no Passado

Os que escarnecem da promessa da vinda de Cristo, e julgam que a era presente continuará indefinidamente (2 Pe 3.5), ignoram algo muito importante: Deus realmente interveio (e intervém) na história humana. As coisas não permanecem como eram desde a criação. Mas eles não o querem reconhecer.

A criação original deu-se pela Palavra de Deus. Ela chamou à existência os céus e a terra; fez a separação das águas, formando os mares (Gn 1.9,10). Em Colossenses, Paulo afiança que as coisas "surgiram" e são mantidas mediante Cristo. Ele é a imagem manifesta do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; nele foram criadas todas as cousas, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Ele é antes de todas as cousas. Nele tudo subsiste (Cl 1.15-17). Se Ele remover suas mãos, o Universo se desmancha.

Pela mesma Palavra de Deus (Gn 6.7,13,17) o mundo foi destruído pelas águas do dilúvio. Demonstra claramente, assim, sua intervenção nos negócios humanos.

O que a Bíblia ensina a respeito do Dilúvio, foge à percepção de muitos hoje. Com base no uniformitarianismo, negam que jamais tenha havido qualquer intervenção catastrófica no planeta. Há evidências, porém, de que mudanças súbitas tenham ocorrido há milhares de anos na crosta terrestre.

Mas Pedro não está preocupado com os efeitos geológicos do Dilúvio. Ele o interpreta como uma evidência de que Deus realmente julga o pecado. Nos dias de Noé, o mundo caracterizava-e por duas coisas: corrupção e violência (Gn 6.5, 11,13). Com exceção de Noé e de sua família, o padrão moral da humanidade era incontestavelmente mau (Gn 6.5). Os homens não eram apenas corruptos; satisfaziam-se com a imoralidade (Gn 6.12). Por isso, não devemos surpreender-nos com estas palavras de Deus: "O meu espírito não agirá para sempre no homem, pois é carnal; e seus dias serão cento e vinte anos" (Gn 6.3). Em sua infinita misericórdia, Deus ainda concede àquela humanidade mais 120 anos de graça. Caso não houvesse arrependimento, enviaria então o Dilúvio. E foi o que aconteceu.

Viram os profetas o Senhor estabelecer igual limite em sua maneira de tratar Israel e Judá. Ao ter a visão dos gafanhotos e fogo, símbolo do julgamento que o Senhor estava prestes a desencadear sobre o Reino do Norte, Amós humildemente intercede pelo povo. Deus, então, mostra ao profeta a visão de um prumo. Com ele, o Senhor aferiria a real situação da nação israelita (Am 7.1-8). Aquela era realmente a última geração do Reino do Norte. Viveriam o suficiente para assistirem aos assírios destruir Samaria em 722 a.C. Em seguida, seriam levados em cativeiro exatamente como Amós e outros profetas o haviam profetizado.

O que aconteceu ao Reino do Norte, infelizmente, não seria aproveitado como lição por Judá. Nos últimos dias do Reino do Sul, o Senhor ordena a Jeremias que não mais interceda por aquela nação (Jr 7.15; 11.14; 14.11). Mesmo que Moisés e Samuel se pusessem a interceder por Judá, a posição divina não seria alterada em relação ao cativeiro (Jr 15.1). Jeremias viveu o suficiente para presenciar os três estágios do cativeiro babilônico: 605, 597 e 586 a.C., quando Jerusalém foi completamente arrasada.

Cedo ou tarde o julgamento acaba por desencadear-se.

Não obstante ter Deus prometido a Noé que "enquanto durar a terra não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite" (Gn 8.22), Ele jamais deixou de ser o Juiz de toda a terra. Por sua palavra, os céus e a terra que agora existem "estão entesourados para o fogo, estando reservados para o dia do juízo e destruição dos homens ímpios" (2 Pe 3.7).

Entre os profetas que predisseram o julgamento final, acha-se Isaías: "Todo o exército dos céus se dissolverá como um pergaminho; todo seu exército cairá, como cai a folha da vide e a folha da figueira" (Is 34.4). "Porque os céus desaparecerão como o fumo" (Is 51.6). Aqui,

Pedro é ainda mais específico. Deixa explícito que, no Juízo Final, com a punição dos ímpios, os próprios céus e terra desaparecerão.

O capítulo 20 do Apocalipse expõe a mesma coisa. Após o Milênio, Satanás será libertado por um curto período de tempo; e, mais uma vez, sairá a enganar as nações. Mas Deus enviará fogo dos céus para destruir seus exércitos. Então ele será atirado no lago de fogo. Em seguida, João vê um Grande Trono Branco de onde serão julgados os mortos. O justo não está aqui incluído, uma vez que já passou pelo Tribunal de Cristo (Rm 14.10; 2 Co 5.10). Além do mais, já terá, através do arrebatamento, recebido um corpo imortal (Jo 11.26).

Quando Cristo aparecer para assentar-se no trono, a terra e os céus fugirão; nenhum lugar será achado para eles (Ap 20.11).

IV - O Tempo da Visão de Deus

Continuam a indagar os escarnecedores: "Onde está a promessa de sua vinda?" Eles parecem acreditar que "desde que os pais dormiram" já passou tanto tempo que nada de mal vai mais acontecer. Pedro explica que (2 Pe 3.8) o grande problema dos escarnecedores é a maneira de ver o tempo: "Há todavia, uma cousa, amados, que não deveis esquecer: para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia".

Neste ponto, tentam alguns tirar conclusões matemáticas. Nos séculos iniciais do Cristianismo, supunha-se que a história da terra teria seis dias, e que no sétimo haveria o sábado milenar. Como as datas não eram precisas, a criação foi colocada em diferentes épocas: 3.700 a.C., 9.000 a.C. Consideremos, por outro lado, que, no estabelecimento de tais datas, não se pode levar em conta a soma das genealogias. Mateus 1.8, por exemplo, deixa de mencionar três ilustres ascendentes [illegible]ais de Cristo.

Viram os profetas o Senhor estabelecer igual limite em sua maneira de tratar Israel e Judá. Ao ter a visão dos gafanhotos e fogo, símbolo do julgamento que o Senhor estava prestes a desencadear sobre o Reino do Norte, Amós humildemente intercede pelo povo. Deus, então, mostra ao profeta a visão de um prumo. Com ele, o Senhor aferiria a real situação da nação israelita (Am 7.1-8). Aquela era realmente a última geração do Reino do Norte. Viveriam o suficiente para assistirem aos assírios destruir Samaria em 722 a.C. Em seguida, seriam levados em cativeiro exatamente como Amós e outros profetas o haviam profetizado.

O que aconteceu ao Reino do Norte, infelizmente, não seria aproveitado como lição por Judá. Nos últimos dias do Reino do Sul, o Senhor ordena a Jeremias que não mais interceda por aquela nação (Jr 7.15; 11.14; 14.11). Mesmo que Moisés e Samuel se pusessem a interceder por Judá, a posição divina não seria alterada em relação ao cativeiro (Jr 15.1). Jeremias viveu o suficiente para presenciar os três estágios do cativeiro babilônico: 605, 597 e 586 a.C., quando Jerusalém foi completamente arrasada.

Cedo ou tarde o julgamento acaba por desencadear-se.

Não obstante ter Deus prometido a Noé que "enquanto durar a terra não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite" (Gn 8.22), Ele jamais deixou de ser o Juiz de toda a terra. Por sua palavra, os céus e a terra que agora existem "estão entesourados para o fogo, estando reservados para o dia do juízo e destruição dos homens ímpios" (2 Pe 3.7).

Entre os profetas que predisseram o julgamento final, acha-se Isaías: "Todo o exército dos céus se dissolverá como um pergaminho; todo seu exército cairá, como cai a folha da vide e a folha da figueira" (Is 34.4). "Porque os céus desaparecerão como o fumo" (Is 51.6). Aqui,

Pedro é ainda mais específico. Deixa explícito que, no Juízo Final, com a punição dos ímpios, os próprios céus e terra desaparecerão.

O capítulo 20 do Apocalipse expõe a mesma coisa. Após o Milênio, Satanás será libertado por um curto período de tempo; e, mais uma vez, sairá a enganar as nações. Mas Deus enviará fogo dos céus para destruir seus exércitos. Então ele será atirado no lago de fogo. Em seguida, João vê um Grande Trono Branco de onde serão julgados os mortos. O justo não está aqui incluído, uma vez que já passou pelo Tribunal de Cristo (Rm 14.10; 2 Co 5.10). Além do mais, já terá, através do arrebatamento, recebido um corpo imortal (Jo 11.26).

Quando Cristo aparecer para assentar-se no trono, a terra e os céus fugirão; nenhum lugar será achado para eles (Ap 20.11).

IV - O Tempo da Visão de Deus

Continuam a indagar os escarnecedores: "Onde está a promessa de sua vinda?" Eles parecem acreditar que "desde que os pais dormiram" já passou tanto tempo que nada de mal vai mais acontecer. Pedro explica que (2 Pe 3.8) o grande problema dos escarnecedores é a maneira de ver o tempo: "Há todavia, uma cousa, amados, que não deveis esquecer: para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia".

Neste ponto, tentam alguns tirar conclusões matemáticas. Nos séculos iniciais do Cristianismo, supunha-se que a história da terra teria seis dias, e que no sétimo haveria o sábado milenar. Como as datas não eram precisas, a criação foi colocada em diferentes épocas: 3.700 a.C., 9.000 a.C. Consideremos, por outro lado, que, no estabelecimento de tais datas, não se pode levar em conta a soma das genealogias. Mateus 1.8, por exemplo, deixa de mencionar três ilustres ascendentes legais de Cristo.

Os apóstolos não pareciam aceitar semelhantes cálculos. Para eles, o mais importante era amar a vinda de Cristo (2 Tm 4.6-8).

Tudo que Pedro parece estar dizendo (2 Pe 3.8) é que Deus não é limitado pelo tempo; Ele não vê o tempo da mesma forma que nós. Alguns filósofos supõem que que Deus vive num eterno agora.

Se um dia é como mil anos para Deus, Ele pode fazer num só dia o que os homens esperam que Ele realize em mil. E se mil anos lhe são como um dia, Ele pode o esticar por um período de mil anos o que os homens esperam que Ele faça num dia. A inversão desses números nada representa para Deus. Os escarnecedores são loucos por pensar que essa aparente demora significa que Deus não cumprirá sua promessa concernente a vinda de Cristo.

Que isto sirva de alerta aos que, hoje, tentam estabelecer datas para a volta de Cristo. Tomando-se em conta Mateus 24.34, onde está escrito "que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça", ensinam alguns que esta é a última geração. Acham que ela começou em 1948, quando Israel tornou-se estado independente. Outros aventam a possibilidade de que a última geração teve início de fato em 1967, ocasião em que as forças de Israel reconquistaram Jerusalém. Todas essas hipóteses, porém, geram confusão.

A palavra grega *genea* usada em Mateus 24.34 é vocábulo de sentido mui genérico; não está limitada por nenhuma medida de tempo (Cl 1.26). A Versão do Rei Tiago a traduz não apenas como geração, mas como idade (Ef 3.5,21), nação (Fp 2.15) e época (At 14.16; 15.21). Lembremo-nos, pois, que a nossa obrigação não é estabelecer tempos ou épocas, mas levar o Evangelho aos confins da terra na força do Espírito (At 1.7,8; Mt 24.14).

V - A Razão para a Demora Aparente

Pedro dá mais uma razão à aparente demora na volta de nosso Senhor (2 Pe 3.9): a necessidade de pregarmos o Evangelho. Não foi isto o que Paulo quis dizer quando descreveu a volta de Cristo em glória com seus poderosos anjos, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao Evangelho? Estes sofrerão penalidades de eterna destruição; serão banidos da face do Senhor e da glória de seu poder" (2 Ts 1.8,9). A volta de Cristo é, pois, parte de uma seqüência de julgamentos que há de terminar no Grande Trono Branco (Ap 20.11-15).

Sendo assim, a oportunidade de espalharmos o Evangelho um dia chegará ao fim. O Senhor (2 Pe 3.9) não está negligenciando nem atrasando sua promessa. Sua demora não é questão de negligência. É porque Deus sofre em relação a nós. Não quer que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento. E que entre os salvos haja redimidos de "toda família, e língua, e povo, e nação". Que todos estes sejam reis e sacerdotes, e que reinem com Cristo por toda a eternidade (Ap 5.9,10).

Jesus ainda alertou quanto aos que passarão para o caminho largo, "porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela". Além do mais, em relação à população total do mundo, os salvos são poucos; seu número incluirá eventualmente "uma grande multidão que ninguém pode enumerar" (Ap 7.9). Sim, esta é a única razão para a aparente demora de sua vinda. Ele almeja que haja um número maior de salvos.

A época da vinda de Cristo não nos é revelada. O dia e a hora não eram conhecidos nem por Jesus enquanto estava entre nós, em virtude de sua identificação com as nossas limitações (Mc 13.32). Então não devemos supor que qualquer de nós possa lograr obter tal informação.

Jesus ainda enfatizou que sua vinda seria repentina e inesperada, sem nenhuma oportunidade para preparações de última hora.

VI - O Dia do Senhor virá

Pedro enfatiza (2 Pe 3.10) que o Dia do Senhor "virá como ladrão". O próprio Jesus ensina que, se o dono da casa soubesse a que horas o ladrão viria, não deixaria que fosse arrombada sua casa, "por isso ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá" (Mt 24.42-44). E Paulo chama nossa atenção ao dia da vinda do Senhor como se fora um ladrão na noite (1 Ts 5.2). A mesma advertência é dada em Apocalipse 16.15.

Todavia, Pedro não entra em todos os detalhes que acompanharão a volta de Cristo, pois dizem respeito ao Dia do Senhor que conduzirá ao Juízo Final. O apóstolo salta mais adiante a fim de tirar-nos preciosa lição a respeito.

No Antigo Testamento, o Dia do Senhor sempre enfatizou o juízo divino sobre os impenitentes, embora incluísse também a restauração do fiel remanescente. Os profetas discorreram acerca do dia em que o juízo viria sobre Israel e Judá. Mas perceberam igualmente que Deus não deixará as nações impunes.

Nos dias de Amós, o povo de Israel já falava do Dia do Senhor como um tempo em que Deus julgaria as nações gentias, e abençoaria Israel. Eles supunham que, por serem o povo escolhido, seus pecados não seriam levados em conta por Deus. Achavam que Jeová os colocaria no alto, por serem seus favoritos. Foi então que o Senhor os advertiu. Seriam eles tratados com o mesmo rigor que os etíopes a quem desprezavam (Am 9.7).

Os israelitas haviam se esquecido de que foram escolhidos para servir, e que Deus não faz acepção de pessoas

(Rm 2.11). Os privilégios de Israel em conhecer a Deus e manter com Ele um relacionamento tão especial redobrariam a punição de todas as suas iniqüidades (Am 3.2). Ou seja: quanto maior o privilégio, maior a responsabilidade. Àqueles que falavam do Dia do Senhor como de algo grandioso, brada Amós: "Ai de vós que desejais o Dia do Senhor! Para que desejais vós o Dia do Senhor? É dia de trevas e não de luz" (Am 5.18,19). Ele prossegue dizendo que, uma vez que chegue tal dia, tornar-se-á muito tarde para buscar qualquer escape.

É em Sofonias que encontramos o quadro mais dramático do Dia do Senhor: "Está próximo o grande Dia do Senhor: está perto e muito se apressa. Atenção! O Dia do Senhor é amargo e nele clama até o homem poderoso. Aquele dia é dia de indignação, dia de angústia, e dia de alvoroço, dia de escuridade e negrume, dia de nuvens e densas trevas" (Sf 1.14,15). Prossegue o profeta: "Nem a sua prata nem seu ouro os poderá livrar no dia da indignação do Senhor, mas pelo fogo do seu zelo a terra será consumida, porque certamente fará destruição total e repentina de todos os moradores da terra" (Sf 1.18). Foi exatamente isto que se deu quando os caldeus de Nabucodonosor invadiram Judá. Leia com atenção as Lamentações de Jeremias.

Mais tarde, Sofonias mostra-nos a outra face do Dia do Senhor, agora no futuro: "Esperai-me, pois, a mim diz o Senhor, no dia em que eu me levantar para o despojo; porque minha resolução é ajuntar as nações e congregar os reinos, para sobre eles fazer cair a minha maldição e todo o furor da minha ira; pois toda esta terra será devorada pelo fogo do meu zelo" (Sf 3.8). Tal referência é ao juízo que ocorrerá no fim da Grande Tribulação. Em seguida o profeta discursa sobre a restauração do remanescente fiel. Joel 3.12,15 também fala acerca das nações que se levantarão no Vale de Josafá ("Jeová julga"),

mencionado ainda como o Vale da Decisão. Ainda que não seja exatamente neste vale, deixa o escritor sacro a certeza de que o julgamento divino virá. Dar-se-á quando da volta de Cristo em glória (Ap 19.11,19).

V - Juízo pelo Fogo

A prisão de Satanás por mil anos e o Milênio também estão incluídos no Dia do Senhor. Mas, como já o dissemos, Pedro salta para o momento final daquele dia (2 Pe 3.10), quando os céus passarão com estrepitoso estrondo - zunido de movimento rápido, como que se um pergaminho estivesse se enrolando. Segundo alguns intérpretes, esse estrondo lembra o trovão.

Isto descreve (2 Pe 3.10) como os elementos (substâncias primárias que formam a base de todas as matérias) hão de se derreter; o calor será singular. A terra e as obras (o resultado do trabalho humano) que nela há, tudo será queimado - nada será encontrado, conforme lêem algumas autoridades.

Afinal, haverá aniquilação ou renovação dos céus e da terra? A Bíblia fala de "montes eternos" (Gn 49.26; Hc 3.6); "terra criada para sempre", "montes que não se abalam" (Sl 78,69; 104.5; 125.1,2), "a terra permanece para sempre" (Ec 1.4).

A palavra "derreter" (em grego, *luo*) também é traduzida como "dissolver". Significa muitas vezes livrar, afrouxar, desligar, libertar. A palavra "nova", usada para descrever a nova terra, é igualmente utilizada para indicar a nossa nova natureza (2 Co 5.17; Gl 6.15; Ef 4.24). E, como todos o sabemos, o novo nascimento não nos destrói a identidade como pessoa. "Passaram" (Ap 21.1) é ainda usada para identificar a passagem de uma condição a outra. Ora, como o fogo é sempre tido na Bíblia como símbolo de limpeza, ou purificação, concluímos que os céus e a terra serão simplesmente renovados, feitos de novo, restaurados para um estado melhor.

Definitivamente há algumas dificuldades quanto a esta interpretação. Quando o Grande Trono Branco aparece, a terra e os céus liberam-se; não se encontra mais lugar para eles. Parece que não estarão em lugar algum; deixam de existir como preparação aos novos céus e à nova terra. "Não encontrar", em grego, significa também sumir. Tal expressão acha-se em alguns manuscritos antigos e diversas versões de 2 Pedro 3.10.

Habacuque 3.6 fala dos outeiros eternos que se batem, dando a entender que não são tão eternos como os israelitas pensassem que fossem. Vejamos Eclesiastes 1.4: "Geração vai, e geração vem; mas a terra permanece para sempre". Esta passagem contrasta as gerações humanas, que vão e vêm, com a terra que para sempre permanece. *Le'olam* em hebraico é comumente usado em relação ao passado distante, ou futuro, que o escritor não consegue vislumbrar. Em Eclesiastes 1.10, a mesma expressão é traduzida como "nos séculos que foram antes de nós". Estudiosos há que consideram Eclesiastes 1.4 como se significasse que sempre haverá uma terra, mesmo que a terra atual seja substituída por outra.

O salmista faz um contraste semelhante entre a permanência de Deus e a ausência da atual criação: "Deus meu, não me leves na metade de minha vida; tu, cujos anos se estendem por todas as gerações. Em tempos remotos lançaste os fundamentos da terra; e os céus são obras de tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permaneces; todos eles envelhecerão como um vestido, como roupa os mudarás, e serão mudados. Tu, porém, és sempre o mesmo, e os teus anos jamais terão fim" (Sl 102.24-27).

"Perecer" é a palavra usada para descrever a planta de Jonas (Jn 4.10) e outras coisas que estão sendo destruídas, ou apagadas. A comparação com a mudança de roupa (Sl 102.26) também parece significativa. Quando mudamos de roupa, fazemos mais do que renová-las; colocamos outra diferente.

Embora "passarão" (2 Pe 3.10) algumas vezes signifique passar por perto, aqui é usada com o sentido de passar rápido em relação ao tempo que corre e se vai (At 27.9; 1 Pe 4.3). Mateus 24.35 usa esta mesma expressão em relação aos céus e à terra em contraste com a Palavra de Deus que nunca passará. Tiago 1.10 lança mão dela para falar da flor da erva que logo desaparece. O hebraico de Isaías 26.20 usa-a para expressar a ira de Deus que passou e se extinguiu.

A palavra traduzida por "derreter", ou "dissolver", freqüentemente significa libertar ou romper cadeias. É usada ainda com o sentido de demolir uma construção ou navio (At 27.41). Encontramos, outrossim, estes usos: "revogar, anular, abolir, destruir, dar fim, acabar com". Seria a palavra mais usada no Novo Testamento para descrever a desintegração nuclear. Dizem alguns exegetas que a sua interpretação como "renovação" era necessária, pois, segundo a ciência, a matéria pode ser totalmente transformada em energia. Quando o pósitron e um elétron se encontram, por exemplo, há um flash de energia (liberando calor), e depois, nada mais. Por conseguinte, tudo que Deus tem a fazer é deixar um universo de antimatéria acumular-se no universo em que vivemos. Esta junção gerará um calor tão intenso que, depois... já não restará mais nada.

Apocalipse 21.1 também menciona a terra e os céus atuais *passando*. Palavra esta usada no mesmo livro em 9.12 e 11.14 sobre um "ai" que passou, antes de um novo, diferente.

VI - Novos Acontecimentos - Um Incentivo à Santificação

Pedro não está basicamente preocupado com os detalhes do que vai ocorrer com os céus e a terra. Ele quer que nos conscientizemos: uma vez que o Juízo

virá por fogo, então "aparte-se do mal, pratique o que é bom, busque a paz e empenhe-se por alcançá-la. Porque os olhos do Senhor repousam sobre o justo" (2 Pe 3.11,12). Que desafio para estarmos sempre preparados!

O desafio para caminharmos em santidade com o Senhor é uma das chaves de toda a profecia. Isaías fala de um dia em que a casa do Senhor será exaltada, e muitas nações a ela virão, de forma que Deus possa ensiná-las acerca de seus caminhos, e como andar por suas veredas. Nesse dia, Deus trará um fim à guerra, e as nações estarão em paz, não apenas com Ele, mas entre si. O Senhor diz isto para enfatizar o privilégio de Israel. Eles já haviam tido a oportunidade de conhecer o Senhor, e de caminhar em seus caminhos. Que voltassem a fazê-lo sem mais tardança! (Is 2.2-5).

A mesma ênfase aparece em João: "Agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manisfestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como é". O objetivo da Bíblia é desafiar-nos a encerrar esta esperança dentro de nós. E que nos purifiquemos "assim como ele (Cristo) é puro!" (1 Jo 3.2,3). Nossa esperança para o futuro é um apelo para que sempre tenhamos uma vida limpa e santificada.

O propósito de Deus, ao julgar os céus e a terra, é trazer novos céus e nova terra (2 Pe 3.13). Deus jamais nos deixa como único estímulo uma perspectiva de Juízo. Os profetas do Antigo Testamento enfatizam que o propósito divino ao seu povo não é necessariamente o juízo. Ele os julga e disciplina para restaurá-lo e cumulá-lo de bênçãos. Depois de pintar um terrível quadro do juízo, Amós encerra suas profecias com uma bela imagem (Am 9.13-15). Sofonias, após proclamar a ira de Deus, chama o povo a exultar-se e a regozijar-se no Senhor que o salva (Sf

3:14,17). Deus não fala em juízo para desestimular-nos, mas para mover-nos a estar preparados a algo melhor.

Porfiemos por escapar deste fogo. Lutemos pelos novos céus e terra. Lá, como em Isaías 65.17, a antiga criação não será lembrada, sequer haverá memória dela. Se amarmos o Senhor, e nos esforçarmos a viver de forma santa, dedicada e reverente, diante dEle, o juízo que se aproxima não nos há de aterrorizar. Nem o fogo ardente, se natural, sobrenatural ou atômico, afetar-nos-á. Sairemos incólumes como os três jovens hebreus da fornalha de Nabucodonosor (Dn 3.25,27). Afinal, teremos novos corpos - imortais e incorruptíveis (1 Co 15.52). Eis porque, segundo a promessa de Deus (2 Pe 3.13), esperamos novos céus e nova terra nos quais a justiça habitará permanentemente. Nenhum pecado jamais frustrará a nova criação!

VII - A Nova Terra

"Nova" (em grego, *Kainos*) siginifica mais propriamente o que não era conhecido anteriormente. É usada em relação à Nova Aliança (Jr 31.31; Hb 8.8). Vemo-la na boca de João que, da ilha de Patmos, dá-nos os detalhes da nova terra que em tudo será realmente diferente da atual.

Já não existirá mar (Ap 21.1). Por enquanto, os oceanos e os micro-organismos são necessários para repor o oxigênio e manter o equilíbrio da atmosfera. Com os novos corpos, porém, estaremos preparados tanto à nova terra, quanto aos novos céus. Não mais dependeremos do oxigênio ou de uma atmosfera pressurizada.

A nova terra tornar-se-á o local a Nova Jerusalém que descerá de Deus, vinda dos céus. Suas dimensões (Ap 21.16) de 12 estádios de cada lado (segundo a antiga medida linear de 600 pés) em forma de cubo, indicam que a nova terra será maior que a atual.

A Nova Jerusalém será o centro do povo de Deus. O fato de os nomes das 12 tribos de Israel estarem em seus portões, e os dos apóstolos em suas 12 fundações, significa que tanto Israel quanto a Igreja dividirão a cidade (Ap 21.12,14). A Nova Jerusalém será o quartel-general do Pai e do Filho. Ambos estarão pessoalmente na Ditosa Cidade (Ap 21.22; 22.1).

Tendo por luz a pessoa de Cristo, não haverá mais necessidade do sol ou da lua, ou de qualquer iluminação artificial (Ap 21.23; 22.5). Continuaremos, todavia, finitos, dependentes dEle para o nosso bem-estar (Ap 22.2). Assim, conheceremos a plenitude do que significa ter o Senhor como nosso pastor. Também não sofreremos mais de nossas queixas habituais, como vestir, comer e ter sede.

João parece não achar a linguagem humana adequada para expressar o que ele viu na Nova Jerusalém. Ele fala do ouro como vidro claro ou transparente (Ap 21.18,21). Por enquanto, não conhecemos nenhum ouro desse tipo. O ouro que hoje temos pode ser trabalhado até transformar-se em moléculas de tal espessura que venha assemelhar-se ao mais fino papel. Mas não se pode alcançar sua transparência. A Bíblia está tentando dizer-nos que a nova criação trará substâncias infinitamente mais belas do que as que conhecemos ou possamos imaginar.

O Apocalipse enfatiza que os novos céus e a nova terra serão um lugar "em que habitará a justiça". O pecado já terá sido julgado; os pecadores, lançados ao lago de fogo. Não haverá morte, tristeza, choro, dor, ou qualquer maldição para roubar-nos as bênçãos que Deus nos tem preparado (Ap 21.3,4,27; 22.3). Os ímpios ficarão para sempre "fora", não apenas da Nova Jerusalém, mas da dimensão dos céus e da terra (Ap 22.15).

VIII - O Lembrete Divino Continua

Em vista da destruição do universo material, Pedro encoraja seus leitores, lembrando-lhes que sua exortação, avisos e desafios partem do amor de Deus (2 Pe 3.14). Todas as coisas podem mudar, mas o amor de Deus permanece o mesmo. O coração de Pedro continua repleto com o mesmo amor e poder que o moveram no dia de Pentecoste.

Uma vez que aguardamos tais coisas, aceitemos o que Pedro tem a dizer, e sejamos diligentes para que possamos encontrar a Cristo. Que não haja em nós nenhuma mácula, uma vez que fomos lavados pelo sangue do Cordeiro. Isto implica em caminhar à luz de Cristo, e clamar continuamente pelo seu sangue (1 Jo 1.7).

Não nos deixemos aborrecer pelos escarnecedores, falsos mestres ou desanimadores (2 Pe 3.15). Não tomemos parte em suas obras, para que não sejamos inclusos nesta severíssima repreensão de Paulo: "Tu, homem, que condenas aos que praticam tais cousas e fazes as mesmas, pensas que te livrarás do juízo de Deus? Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?" (Rm 2.3,4).

Pedro (2 Pe 3.16) também tem em mente outras verdades a respeito da vinda do Senhor já expressas nas epístolas de Paulo (Rm 8;9-15; 1 Co 15.3-54; 1 Ts 4.14-17; 5.9; 2 Ts 1.7-10; 2.1-15). Muitas dessas e outras passagens estavam sendo deturpadas pelos ignorantes e inimigos da verdade. Alguns chegaram a escrever falsas cartas em seu nome, dizendo que o Dia de Cristo já era chegado. Os tais acabariam por abalar a igreja em Tessalônica (2 Ts 2.1,2). Foi por esta razão que Paulo chamou a atenção à sua saudação final, escrita de próprio punho (2 Ts 3.17). Embora ditasse a maior parte de suas

cartas, fazia questão que seus leitores lhe conhecessem a caligrafia de modo a que viessem identificar qualquer falsificação (1 Co 16.21; Cl 4.18; Gl 6.11.)

Os mesmos que haviam falsificado a escrita de Paulo, faziam o mesmo em relação às outras Escrituras. E os tais podem ser encontrados ainda hoje. Observe como Pedro coloca os escritos de Paulo no mesmo nível das demais Escrituras Sagradas. Torcer a Palavra de Deus, pois, destrói a fé; e, no fim, acaba por destruir também os falsificadores.

Na exortação final, Pedro lembra mais uma vez a seus amados leitores que se acautelem a fim de que não sejam induzidos ao erro dos que ignoram a Palavra de Deus e suas recomendações. Tal erro induz ao desvio da fortaleza que está em Cristo Jesus e na Palavra de Deus.

A maneira de se manter a estabilidade na vida cristã é (2 Pe 3.18) continuar crescendo na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Agindo assim, dar-lhe-emos glória para sempre. E estaremos sempre preparados a compartilhar da obra e glória que Ele nos tem reservado.

IX - Comentários Finais

Observando ambas as cartas de Pedro, duas coisas destacam-se com relação ao "estarmos sempre preparados". Uma está expressa em 1 Pedro 4.7: "Ora, o fim de todas as coisas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios e vigiai em oração". É a única passagem na qual Pedro incita-nos especificamente a orar. Mas a íntegra de cada uma das cartas respira uma atmosfera que exprime o quanto dependemos do Senhor e o quanto necessitamos orar.

Pedro sabia o que era orar. Estava entre aqueles que, no cenáculo, estavam à espera do Espírito Santo,

perserverando unânimes em oração (At 1.14). Com este encorajamento, os 3.000 que foram salvos no dia de Pentecoste, perseveraram na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações (At 2.42). Como um dos 12, ele encorajou ainda o povo a escolher sete diáconos para cuidarem da assistência às viúvas, de maneira que eles (os apóstolos) pudessem consagrar-se à oração e ao ministério da palavra (At 6.4). Sem oração, jamais poderemos estar preparados.

A outra coisa que se destaca é a Palavra. Quanto a isto, Pedro tem muito a dizer. Ele deixa expresso que tudo veio através do Espírito Santo (2 Pe 1.20,21). Sim, o mesmo Espírito Santo inspirou-o a desafiar-nos a que tenhamos a mesma atitude, a mesma preparação na Palavra que ele e os demais apóstolos tiveram.

Edição





Digitalização

Digit@l Books

SÉRIE
Comentário Bíblico

1 e 2 Pedro

A razão da nossa esperança

Você está pronto para:

Mostrar as razões da sua fé?
Glorificar a Deus através do sofrimento?
Os desafios destes últimos dias?
Tomar parte na vinda de Cristo?

Este livro foi escrito para que você esteja sempre pronto. Comentando as epístolas de Pedro, Stanley M. Horton mostra como o crente pode estar em constante prontidão.

Você aprenderá como os cristãos dos tempos de Pedro superaram as perseguições, as angústias e os ataques dos falsos profetas. Embora fossem tão frágeis e limitados quanto você, souberam como se manter sempre prontos.

AUTOR

O Dr. Stanley M. Horton, foi professor do Central Bible College e do Seminário Teológico das Assembléias de Deus em, Springfield, Missouri. Ele também é comentarista de lições bíblicas e autor dos seguintes livros: *O que a Bíblia Diz sobre o Espírito Santo, Doutrinas Bíblicas, Comentário Bíblico Isaías* e *Apocalipse.*

ISBN 85-263-0334-1